



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**EVENTOS DE VIDA E A ESTABILIDADE DOS TRAÇOS
PSICOPÁTICOS: UM ESTUDO EM JOVENS ADULTOS**

CLÁUDIA RAFAELA PINA PEREIRA

24194

Orientador de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR MIGUEL BASTO PEREIRA

Professor de Seminário de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR MIGUEL BASTO PEREIRA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2021

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professor Doutor Miguel Basto Pereira, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

*“O sucesso é a soma de
pequenos esforços repetidos dia após dia.”*
Robert Collier

AGRADECIMENTOS

Terminei! Terminei, finalmente e felizmente, este meu percurso académico, o primeiro passo do meu futuro. Nem sei o que sentir neste momento. Foi muito o desespero, a falta de motivação, o bater no fundo sem forças para continuar. Foram dias e dias assim, mas também foram dias e dias em que levantei a cabeça e segui em frente. Aprendi mais que tudo nestes últimos anos a ser uma pessoa resiliente. Resiliência é, portanto, a palavra que para mim descreve o que foi fazer este trabalho de investigação. As emoções que senti ao ter acabado as últimas palavras não consigo descrever, apenas sinto uma alegria gigante e um grande orgulho em mim.

Dito isto, chegou a hora de agradecer a cada pessoa que fez parte deste caminho e o tornou tão importante. Começo por agradecer ao Professor Doutor Miguel Basto-Pereira, por todo o apoio, carinho, ajuda, orientação e paciência que me prestou ao longo destes dois últimos anos. Obrigado por todos os seus ensinamentos que me transmitiu, vão ficar comigo para toda a vida. Obrigado, Professor Doutor Miguel Basto-Pereira!

De seguida tenho de agradecer às pessoas da minha vida pessoal que tornaram toda esta missão possível. Primeiramente, à minha mãe Manuela, à minha irmã Carina e à minha irmã Susana, que são das pessoas que tenho mais importantes da minha vida, obrigado por tudo o que fizeram sempre por mim e por me verem crescer desta forma, todo o apoio que me deram e toda a confiança que depositaram em mim.

A pessoa mais importante da minha vida que partiu no ano passado, mas que fez todos os esforços e mais algum para eu tirar este curso superior, a ti PAI, Virgílio, um muito obrigado, as saudades tuas são muitas e sei que estás cheio de orgulho de mim, obrigado por tudo o que fizeste e mesmo não estando aqui continuas a fazer. Obrigado, obrigado, obrigado!

Não posso deixar de fazer um especial agradecimento ao meu noivo, Tiago, ele que foi aquele que mais lidou com todos os dramas e desesperos deste percurso. Tiveste comigo desde o dia um e ajudaste-me a crescer enquanto pessoa e a construir a minha força mental para ultrapassar todos os obstáculos. Foste tu que “aturas-te” todas as situações entusiasmantes e as mais stressantes. Um obrigado gigante a ti por tudo isto!

Importante também na minha vida estão os meus sogros, Cristina e Jorge e as minhas cunhadas, Rita e Sofia, que tanto me apoiaram de todos os modos e tanto me deram ao longo destes anos. Obrigado por todo o acolhimento, carinho e apoio. Muito obrigado do coração, família!

Tenho de agradecer também aos meus padrinhos de batismo, Céu e António, e aos meus primos, Vanessa e Luís, pelo apoio prestado ao longo destes anos, em todos os sentidos quer pessoais como profissionais. Muito obrigado a vocês!

Não menos importante tenho de agradecer às minhas “*partners in crime*”, a Ana Rita e a Iryna! Mais do que colegas da faculdade, são amigas que encontrei para a vida, são aquelas em que me apoiem em tempos difíceis e que tanto me deram. Com vocês cresci, em todas as áreas da minha vida, com vocês tive tanta conquista e poucas foram as derrotas! Vamos todas ter sucesso nesta nossa vida, porque somos todas umas lutadoras! Obrigado, enorme a vocês!

A todas as restantes pessoas que contribuíram da mais pequenina forma, um obrigado a vocês!

E assim me despeço de uma época fantástica que foi a faculdade e mais forte estou para inserir no mundo profissional.

A todos, muito OBRIGADO!

RESUMO

Devido à especificidade dos traços psicopáticos e a sua relação com o comportamento antissocial, requerem um maior nível de atenção social e clínico com o desenvolvimento de intervenções para combater a ingressão na criminalidade ou a reincidência. Assim, a presente investigação tem como objetivo analisar se os fatores como a escolaridade, religião, desporto, lazer e mudança de cidade estão associados a traços psicopáticos, e a mudanças nos mesmos, nas suas dimensões interpessoal, emocional e comportamental, numa amostra de jovens adultos da comunidade portuguesa. Esta amostra, no primeiro momento foi constituída por 617 jovens adultos, com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos, e num segundo momento, uma subamostra desses 50 jovens foi novamente avaliada. Estes foram avaliados através do preenchimento de questionários de autorrelato: Questionário Geral sobre a Situação Geral e Familiar e o Inventário de Traços Psicopáticos em Adolescentes. Os resultados sugerem que ser do sexo feminino, e os fatores, mudança de cidade e escolaridade, estão associados a uma menor intensidade de traços de psicopatia nas dimensões emocional e comportamental. Contudo, mudanças nestes fatores no último ano não parecem estar associadas a mudanças significativas dos traços de psicopatia nos últimos 12 meses. Apenas, os fatores protetores desporto e escolaridade apresentaram associações marginalmente significativas com mudanças nas dimensões interpessoal e emocional, respetivamente. Assim, é necessário considerar o desporto e a escolaridade em estudos futuros, bem como continuar a desenvolver estudos ao longo do tempo sobre fatores protetores que possam estar associados a uma diminuição de traços psicopáticos.

Palavras-chave: Traços de Psicopatia; Fatores Protetores; Comportamento Antissocial; Estabilidade psicopática; Desistência do Crime; Curso de Vida; Jovens-adultos.

ABSTRACT

Due to specificity of psychopathic traits and their relationship with antisocial behavior, they require a higher level of social and clinical attention with the development of interventions to combat crime aggression or recidivism. Thus, the present's research aims to understand and whether factors such as schooling, religion, sports, leisure and change of city, are associated with psychopathic traits, and changes in them, particularly in their interpersonal, emotional, and behavioral dimensions, in a sample of young adults from the Portuguese community. This sample, at first, consists of 617 young adults, aged between 18 and 20 years, and in a second moment, a subsample of these 50 young people was again evaluated. These young people were evaluated by completing self-report questionnaires: General Questionnaire on the General and Family Situation and the *Youth Psychopathic Inventory- Short Version*. The results suggest that gender female and factors, change of city and schooling are associated with a lower intensity of psychopathic traits in the emotional and behavioral dimensions. However, changes in these factors in the last year do not seem to be associated with significant changes in psychopathy traits in the last 12 months. Only the protective factors sport and schooling presented marginally significant associations with changes in interpersonal and emotional dimensions, respectively. Thus, it is essential to consider, sport and schooling in future studies, as well as it is essential to continue to develop studies on protective factors that are being associated with a decrease in psychopathic traits.

Keywords: Psychopathic Traits; Protective Factors; Antisocial Behavior; Psychopathic Stability; Desistance from Crime; Life Course; Young Adults

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. Traços de Psicopatia	3
2. A Estabilidade da Personalidade Psicopática	6
3. As teorias do curso de vida e os fatores de viragem dos comportamentos desviantes	9
3.1. Teoria do Controlo Social Informal graduado pela idade - Sampson e Laub (2003)	9
3.2. Teoria Integrada e Cognitiva do Potencial Antissocial (ICAP) - Farrington (2005)	11
A PRESENTE INVESTIGAÇÃO	14
METODOLOGIA	15
1. Participantes	15
2. Instrumentos	16
<i>Questionário Geral Sobre a Situação Social e familiar</i>	16
<i>Youth Psychopathic Inventory – Short Version</i>	17
3. Procedimento	17
RESULTADOS	19
1. Correlação de <i>Pearson</i> entre os fatores protetores e os traços de psicopatia... 19	
2. Regressão Linear Múltipla para examinar a influência dos fatores protetores nos traços de psicopatia	20
3. Correlação de <i>Spearman</i> entre a mudança nos fatores protetores nos últimos 12 meses e os traços de psicopatia	23
DISCUSSÃO	25
1. Relação entre os fatores protetores e os traços de psicopatia	25
2. A mudança nos traços de psicopatia segundo os fatores protetores	31
3. Limitações e Estudos Futuros	32

4. Recomendações Clínicas e Implicações Políticas e Sociais	34
5. Considerações finais	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	54
Anexo I: Consentimento Informado	55
Anexo II: Questionário Geral sobre a Situação Social e Familiar	56
Anexo III: Inventário De Traços Psicopáticos Em Adolescentes – Versão Reduzida (YPI-S).....	57

ÍNDICE DE FIGURAS E TABELAS

Tabela 1. Dados Sociodemográficos.....	16
Tabela 2. Correlação de <i>Pearson</i> entre os traços de psicopatia e os fatores protetores.....	20
Tabela 3. Regressão Linear Múltipla entre os fatores protetores e os traços de psicopatia na dimensão total.....	21
Tabela 4. Regressão Linear Múltipla entre os fatores protetores e os traços de psicopatia nas suas dimensões interpessoal, emocional e comportamental.....	22
Tabela 5. Correlação de <i>Spearman</i> entre a mudança nos traços de psicopatia derivado dos fatores protetores nos últimos 12 meses.....	24
Figura 1. Representação esquemática dos fatores protetores que predizem mudanças significativas nos traços de psicopatia.....	26

INTRODUÇÃO

O comportamento desviante é definido consensualmente na literatura como “um padrão estável de desrespeito pelos direitos dos outros ou de violações de normas e leis sociais próprias da comunidade em que o sujeito está inserido”. Aqui, estão incluídos comportamentos de acordo com a sua severidade, que podem ir de comportamentos de oposição até comportamentos criminais estipulados na lei como crime (Gonçalves & Cunha, 2017). O comportamento desviante é estudado por vários investigadores em várias áreas como a sociologia, a psicologia e a biologia, com o intuito de compreender as carreiras criminais dos indivíduos e os seus comportamentos através por exemplo, do género e tipo de crime. No entanto, poucos estudos se preocupam em estudar os indivíduos numa parte importante que os define, a sua própria personalidade. DeLisi (2008), propõe o estudo da delinquência associado à psicopatia, defendendo que esta é a melhor explicação para o crime e para o comportamento desviante. Outros autores têm vindo a salientar que o comportamento desviante está associado à psicopatia, sendo que os sujeitos que tem estes traços de psicopatia elevados, geralmente têm associados comportamentos antissociais (Murray, Waller & Hyde, 2018).

Segundo Cleckley (1941), a psicopatia é uma perturbação de personalidade que engloba um conjunto de traços de personalidade e comportamentos, como traços de charme superficial, insensibilidade/indiferença, irresponsabilidade e os comportamentos antissociais característicos aos indivíduos (Dotterer, Waller, Cope, Hicks & Nigg, 2017). O *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – 5* (DSM-V), define o transtorno de personalidade antissocial sugerido como o construto mais próximo da psicopatia, no entanto, esta embora contemple alguns dos mesmos traços que o transtorno de personalidade antissocial, é vista como o seu extremo ou contínuo (Coid & Ullrich, 2010). Assim, o transtorno de personalidade antissocial é caracterizado segundo alguns fatores (*American Psychiatric Association*, 2014, p. 659) tais como: incapacidade em ajustar-se às normas sociais, impulsividade, agressividade, mentiras repetidas, ausência de remorsos pelos seus comportamentos, entre outros.

A descrição destes critérios mostra que se trata de uma perturbação de personalidade duradoura com padrões de comportamentos antissociais e de violação de normas sociais persistentes. Diversos estudos internacionais referem que 80% dos indivíduos nas prisões têm associados vários transtornos de personalidade. De todos os transtornos enumerados no DSM, a personalidade antissocial é a mais prevalente em 46 a 84% nestes indivíduos.

Em Portugal, Brazão, Motta, Rijo e Pinto-Gouveia (2015), realizaram um estudo com 294 participantes do sexo masculino de uma prisão para perceber quais os transtornos de personalidade mais prevalentes nesta população. Os resultados mostram que 80% dos indivíduos têm associados transtornos de personalidade, sendo que mais de 58% têm transtorno de personalidade antissocial. Por outro lado, na psicopatia estima-se que apenas 1% da população geral apresenta traços psicopáticos, enquanto nas populações prisionais a prevalência é 10 a 20 vezes mais alta e entre amostras psiquiátricas forenses estima-se que 3% dos pacientes apresentam psicopatia (Werner, Few & Bucholz, 2015; DeLisi, 2016).

A literatura acerca dos comportamentos antissociais sugere que estes se desenvolvem na adolescência e incluem genericamente a agressão e a delinquência (Greenberg & Lippold, 2013). Por um lado, podem surgir alguns comportamentos mais simples na infância (Moffitt, 1993; Fosco & LoBraico, 2019), mas por outro os comportamentos antissociais continuam para a fase adulta (Simons, Stewart, Gordon, Conger & Elder, 2002).

Vários autores consideram que alguns traços de psicopatia ajudam a identificar crianças com comportamentos antissociais que mostram um padrão mais estável e agressivo comparativamente com crianças que apresentam poucos comportamentos antissociais e menor intensidade de traços de psicopatia (Andershed, Colins, Salekin, Lordos, Kyranides & Fanti, 2018). É possível que esta relação se manifeste nas crianças, tendo em conta que algumas vivências da sua vida podem estabelecer uma maior intensidade de traços psicopáticos e consequentes comportamentos desviantes. Assim, torna-se importante compreender os fatores de risco associados a estes comportamentos (Holmes, Slaughter & Kashani, 2001) para poder controlá-los ou mitigá-los com fatores protetores. Sampson e Laub (2018), interessaram-se em perceber porque é que os indivíduos chegam a uma altura da sua vida que desistem de cometer crimes. Esta torna-se uma questão interessante, tendo em conta que muitos investigadores apenas se focam no estudo da sua origem e desenvolvimento. Assim, existe um vasto número de fatores protetores que possibilitam mudanças em várias dimensões dos indivíduos, fazendo com que eles desistam dos crimes. Desta forma, torna-se pertinente refletir, em que sentido os fatores protetores associados à desistência do crime, influenciam os níveis de traços de psicopatia, tendo em conta que estes estão associados a comportamentos antissociais, mais graves e persistentes.

1. Traços de Psicopatia

DeLisi (2009), na sua teoria “*Psychopathy is the Unified Theory of Crime*”, defende que a psicopatia deve ser vista como a essência para explicar o comportamento antissocial, argumentando que é um conceito dimensional e categórico que permite examinar os comportamentos antissociais, bem como estudar as hipóteses biossociais e os fenótipos antissociais ao longo da vida em diversas populações, espelhando assim a natureza e essência do comportamento antissocial. Deste modo, afirma que existe um conjunto de características interpessoais, afetivas e comportamentais que estão associadas a uma grande variedade de manifestações antissociais. Assim, a psicopatia descreve-se pelo um conjunto de traços relacionados com as diferentes dimensões do indivíduo. Na dimensão interpessoal, o autor afirma que se manifestam traços de charme superficial, narcisismo, grandiosidade, mentira e manipulação. Na dimensão afetiva, DeLisi (2009), refere que os traços salientes são a insensibilidade, a falta de empatia, ausência de culpa/remorsos, a ausência de emoções, a desconsideração pelos outros / cruel e falha em aceitar responsabilidade. Por fim a dimensão comportamental e de estilo de vida engloba a falta de objetivos realísticos, o estilo orientado para “parasita”, a irresponsabilidade, a impulsividade e a procura de estimulação/excitação.

Esta categorização vai ao encontro de postulações dos autores que mais tiveram influência na personalização do construto da psicopatia, tais como Cleckley (1941) e Hare (1970). Cleckley (1941) em “*The Mask of Sanity*”, formulou a essência da personalidade psicopática, considerando que o psicopata seria caracterizado por um défice na afetividade relativamente aos outros. Apresentou assim, um perfil da psicopatia baseado em traços mais significativos da perturbação tais como charme superficial, ausência de sentimentos de culpa e remorsos, mentiroso, incapacidade de ter relações afetivas e interpessoais estáveis e saudáveis, entre outros.

Hare (1970), contribui para o diagnóstico e avaliação da psicopatia (Miller & Lynam, 2015), onde caracteriza o psicopata como alguém incapaz de mostrar empatia, apresentando um charme superficial que os torna capazes de convencer e manipular as pessoas para satisfazer os seus próprios desejos (Hare, 2003). Inclusive, foi dos primeiros autores a criar uma *checklist* de avaliação de psicopatia, a *Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R)*, composta segundo dois fatores pelos quais se dividem quatro dimensões que identificam vinte traços específicos da psicopatia: o Fator 1, descreve um conjunto de traços de personalidade associados à dimensão interpessoal e afetiva do indivíduo que engloba itens como charme superficial e sentido de

grandiosidade, falta de remorsos ou culpa e incapacidade de aceitar responsabilidade por os atos. O Fator 2, pretende descrever os comportamentos antissociais que têm estado presentes ao longo da vida do indivíduo dividindo-se nas dimensões estilo de vida e na dimensão antissocial que estrutura itens de estilo parasita, impulsividade e irresponsabilidade, delinquência juvenil e versatilidade criminal (Hare & Neumann, 2008).

A psicopatia, em termos criminológicos, distingue-se pelo incumprimento de normas sociais e morais associado a uma constelação de traços de personalidade, descritos em supra, que definem o indivíduo (Edens, Campbell & Weir, 2006), sendo considerada pelo sistema de justiça criminal nas várias sociedades mundiais, como um bom preditor de comportamentos criminais e de reincidência criminal (Fox, Jennings & Farrington, 2015). Comportamentalmente, a psicopatia está associada a crimes mais violentos e persistentes e os comportamentos antissociais, normalmente começam a manifestar-se muito precocemente e têm tendência a persistir para a idade adulta (Edens, Campbell & Weir, 2006). Na comunidade, estes indivíduos são normalmente percecionados como pessoas que apresentam uma faceta desejável ao olhar dos outros (Berg, Smith, Watts, Ammirati, Green & Lilienfeld, 2013), um charme superficial, mas interiormente insincero e mentiroso (Poythress, Skeem & Lilienfeld, 2006) que lhes permite manipular e controlar os outros, de forma a obter e a satisfazer os seus próprios desejos. Os outros são então um objeto que possa ser manipulado para as suas finalidades, manifestando-se a falta de empatia e de remorsos para com os outros e a personalidade narcisista e egocêntrica característica destes indivíduos, o que dificulta a concretização de vínculos afetivos com outros, tendo por norma relações instáveis (Berg et al., 2013).

As investigações em volta do construto da psicopatia têm evoluído ao longo tempo, com novas perspetivas de investigação, nomeadamente no que diz respeito aos estudos dos traços psicopáticos nas crianças e adolescentes, tendo em conta que as investigações apenas se focavam na população adulta (Vaughn, Edens, Howard & Smith, 2009). No que diz respeito à população jovem adulta/adulta, os investigadores focalizaram a sua atenção em potenciais subgrupos da psicopatia. Karpman (1941), foi o primeiro a reconhecer que adultos com traços psicopáticos, podem ser divididos em dois grupos: os psicopatas primários e secundários, Segundo este autor, ambos os grupos têm semelhanças fenotípicas como o egocentrismo, a insensibilidade e a desonestidade, mas diferem na forma como surgem, isto é, se hereditária ou ambiental e distinguem-se a partir da estabilidade emocional e dos traços de ansiedade que

cada indivíduo apresenta (Yildirim & Derksen, 2015; Lee, Salekin & Iselin, 2010). Deste modo, na psicopatia primária os indivíduos tendem a nascer com um déficit emocional o que leva a que não consigam sentir emoções e afetos, manifestando-se em traços de insensibilidade, incapacidade de sentir culpa e remorsos, incapacidade para sentir medo, ansiedade e usualmente têm comportamentos antissociais do tipo predadores e instrumentais. Os psicopatas secundários, devido aos ambientes de adversidade a que são expostos ao longo da sua vida, adquirem uma perturbação emocional e comportamental em resposta a essas experiências, que se manifestam através da hostilidade, impulsividade, comportamento antissocial violento e reativo e experienciam emoções negativas e níveis de ansiedade elevados (Skeem, Polaschek, Patrick & Lilienfeld, 2016; Hicks, Carlson, Blonigen, Patrick, Lacono & MGue, 2012).

Lykken (1995), defende que tanto a psicopatia primária como a secundária têm ambas predisposição biológica (Skeem, et al., 2016). O psicopata primário é o típico indivíduo que se apresenta como destemido, pouco passivo e com níveis médios de emoções negativas e positivas, por outro lado, os psicopatas secundários, diferenciam-se por serem pouco destemidos e os seus altos níveis de emoções positivas e negativas, impulsividade e ansiedade (Newman, MacCoon, Vaughn & Sadeh, 2005).

Os estudos nas populações infantis e adolescentes têm vindo a desenvolver-se no sentido de se perceber a estrutura latente da psicopatia, como surge e se desenvolve, tendo em conta que se prevê que os primeiros traços de psicopatia, como a grandiosidade, a insensibilidade e a falta de empatia se manifestem logo numa idade muito precoce (Barry, Frick, & Killian, 2003; Dadds, Fraser, Frost, & Hawes, 2005). Por outro lado, os traços psicopáticos tendem a ser estáveis durante toda a infância do indivíduo estando associados a evidências prematuras de comportamentos antissociais (Frick, Stickle, Dandreaux, Farrell, & Kimonis, 2005) que se desenvolvem ao longo do tempo para a vida adulta (Salekin & Lochman, 2008).

As meta-análises realizadas para avaliar o surgimento dos traços psicopáticos focaram-se no estudo genético e ambiental. Julga-se que entre 29 e 56% de casos de indivíduos com traços psicopáticos mostram influência genética, que se espera ser explicado por défices neurobiológicos. Estes défices interferem principalmente, segundo Blair (2013), com a empatia, vários processos de tomada de decisão e julgamentos morais. Berg e colaboradores (2013), sugerem que existem também défices ao nível da resposta aos estímulos que provocam o medo, que parecem dar origem a traços como o charme superficial, a ausência de culpa e

incapacidade de controle dos impulsos. Por outro lado, os fatores ambientes parecem ter um maior envolvimento na origem dos traços psicopáticos (Berg et al. 2013), como a exposição a experiências traumáticas (DeLisi, 2009) quando existem problemáticas de rejeição parental e pais delinquentes (Farrington & Bergstrom, 2018), que fazem com que o indivíduo experiencie emoções negativas (Hicks, Vaidyanathan & Patrick, 2010). O contacto com o trauma iniba a criança de criar mecanismos importantes para a ajudar a lidar com as suas emoções de forma adequada, o que origina níveis elevados de ansiedade, angústia emocional, hostilidade, agressividade e impulsividade (Hicks, Vaidyanathan & Patrick, 2010). Estes níveis elevados resultam em dificuldades na resposta de forma empática e afetiva às frustrações que lhe vão surgindo, o que pode estar na origem dos traços de insensibilidade, a ausência de culpa e remorso e ausência de empatia (Berg et al., 2013). Num estudo sobre as experiências traumáticas em sujeitos encarcerados, realizado por Craparo, Schimmenti e Caretti (2013), sugere que os sujeitos que apresentavam traços de psicopatia elevados, tinham mais probabilidade de ter experienciado eventos traumáticos na sua infância.

O estudo da origem de traços de psicopatia nas crianças e adolescentes torna-se assim importante, pois os traços de psicopatia manifestam-se logo na infância e/ou adolescência, através de comportamentos persistentes e repetitivos, como agressividade e impulsividade, que evoluem para a idade adulta onde são reconhecidos como sujeitos com níveis intensos de traços de psicopatia (Davoglio, Gauer, Jaeger & Tolotti, 2012). Consequentemente, envolvem-se com mais frequência em comportamentos criminais, mais violentos e agressivos e têm uma maior tendência para o abuso de substâncias (Loney, Taylor, Butler & Lacono, 2007). Assim, pode ajudar na promoção de novas técnicas de intervenções para ajudar a reduzir a reincidência criminal (Lee & Kim, 2020) e promover competências relacionais e afetivas, considerando que a presença de traços psicopáticos intercede com a socialização (Blair, 2013). Promove ainda o desenvolvimento de teorias e modelos da psicopatia, bem como a criação de estratégias investigativas para o construto clínico da psicopatia (Guay, Ruscio, Knight & Hare, 2007).

2. A Estabilidade dos traços da personalidade psicopática

A personalidade pode ser designada como um padrão que engloba determinados mecanismos psicológicos com um conjunto de características individuais que moldam a forma de pensar, sentir e comportar de cada sujeito (Funder, 2013). Os estudos na área da personalidade surgiram muito cedo, sendo que os investigadores tentaram compreender como se desenvolve, as suas características e as diferenças que ocorrem ao longo da vida do indivíduo

(Caspi & Shiner, 2007). Por conseguinte, os estudos concentraram-se em analisar dois principais estágios de vida do indivíduo: as crianças e os adultos, pois os desenvolvimentos dos traços de personalidade iniciam-se e concretizam-se nestas idades, respetivamente (Caspi, Roberts & Shiner, 2005). No início de vida do indivíduo, existe ainda uma imaturidade emocional e os traços que se começam a manifestar prematuramente têm uma maior carga genética e menor carga ambiental. Na infância, os traços têm tendência a níveis de intensidade baixos enquanto na idade adulta além da heritabilidade, o ambiente e as experiências fazem com que os traços comecem a ascender a sua intensidade e a moldar-se ao indivíduo, formando-se e desenvolvendo-se assim a personalidade (Caspi, Roberts & Shiner, 2005; Caspi & Shiner, 2007).

A personalidade psicopática continua um tema em desenvolvimento, sendo a questão da estabilidade um dos temas mais focados na literatura. Tendo em conta a relação existente entre a personalidade psicopática e os traços pilares da personalidade humana, sugere-se que tal como os restantes traços de personalidade, que tendem a ser estáveis ao longo da vida, o mesmo deverá ocorrer com os traços de psicopatia (Lyam, Loeber & Stouthamer-Loeber, 2008), no entanto o padrão psicopático diferencia-se por contemplar um conjunto de traços específicos descritos como rígidos, abrangentes e inflexíveis (Mccuish & Lussier, 2018).

Apesar de ser consensual a estabilidade dos traços de psicopatia, inclusivamente ao longo do desenvolvimento, esses traços não são imutáveis. Por exemplo, a fase da adolescência é caracterizada por diversas mudanças cognitivas, biológicas e sociais, as quais podem interferir com a estabilidade dos traços, traçando assim o caminho em que estes se traduziram, no sentido de reduzir ou pelo contrário aumentar a intensidade em que os traços se desenvolvem (Salihovic, Özdemir & Kerr, 2014). Assim, esforços foram feitos para se tentar perceber quais os fatores preditores que tornam os traços psicopáticos estáveis ao longo do tempo. Frick, Kimonis, Dandreaux e Farell, (2003), defendem que o estatuto socioeconómico baixo e a pobre vinculação/suporte parental nas crianças, podem predizer estabilidade ao longo do seu percurso, tendo em conta que a família se torna importante para o desenvolvimento de diversas componentes da personalidade do indivíduo, nomeadamente relacionados com a empatia e a culpa. Farrington (2005), considera que os fatores relacionados com a família são os que mais contribuem para uma estabilidade psicopática, principalmente a negligência e o abuso parental.

A curiosidade sobre a estabilidade psicopática despoletou, embora poucas, algumas investigações longitudinais. Por exemplo, o *Pittsburgh Youth Study* em 1987, foi um dos

estudos longitudinais com uma das amostras mais importantes onde avaliou indivíduos do sexo masculino entre os 6 e os 25 anos na comunidade. Relativamente aos resultados para a psicopatia, revelaram que os indivíduos que aos 13 anos tinham níveis intensos de traços de psicopatia, mantiveram-se nesse registo aos 24 anos (Lynam, Loeber & Stouthamer-Loeber, 2008; Loeber, Farrington, Stouthamer-Loeber, Moffitt, Caspi & Lynam, 2001).

Harpur e Hare (1994), examinaram indivíduos ofensores dos 16 aos 70 anos. Os resultados mostram que os traços antissociais e estilo de vida impulsivo diminuem com a idade enquanto o afetivo e interpessoal mantém-se estáveis ao longo da vida. No entanto, Hare em 1996, argumentou que não são os traços antissociais que diminuem, mas há medida que os indivíduos são mais velhos têm outro tipo de comportamentos antissociais (Shaw & Porter, 2012). Mais tarde, Frick, Kimonis, Dandreaux e Farell, (2003), realizaram um estudo onde avaliaram a estabilidade dos traços em crianças no terceiro, quarto, sexto e sétimo ano de escolaridade. Os resultados obtidos mostram que as crianças que tinham inicialmente elevada intensidade dos traços psicopáticos nos dados finais apresentavam uma menor intensidade nos traços do que as crianças que começaram com baixa intensidade. Lynam, Capi, Moffitt, Loeber e Stouthamer-Loeber (2005), avaliaram a estabilidade psicopática em indivíduos com 13 e 24 anos de idade onde estimaram que os traços estavam moderadamente estáveis desde o início da adolescência até ao início da idade adulta. Recentemente, Hawes, Byrd, Gonzalez, Cavanaugh, Bechtold, Lynam e Pardini (2018), examinaram o desenvolvimento da psicopatia na infância e adolescência e a sua relação com a idade adulta. Dos 14% de indivíduos que apresentavam níveis elevados de psicopatia evidenciaram um decréscimo ao longo do tempo, enquanto 10% aumentaram.

Com os resultados deste último estudo, pode-se então refletir que a psicopatia pode ser flexível e maleável e que a mudança em alguns padrões de desenvolvimento do individuo pode ter importantes implicações para a idade adulta. Lynam, Loeber e Stouthamer-Loeber (2008), na procura de moderadores para os traços psicopáticos em adolescentes e adultos (dos 13 aos 24 anos), os resultados mostram que os jovens que tinham baixa intensidade de traços psicopáticos que se desenvolveram num meio familiar saudável e tinham menos pares delinquentes mantinham-se nesse registo ao longo da vida. Por outro lado, jovens com baixos traços de psicopatia que tinham experienciado meios familiares negligentes e tinham mais pares delinquentes tinham aumentado a intensidade dos traços ao longo do tempo. Desta forma,

a família e os pares podem ser protetores do desenvolvimento de traços psicopáticos, caso o meio em que desenvolve seja saudável.

3. As teorias do curso de vida e os fatores de *viragem* dos comportamentos desviantes

A área da criminologia ao longo dos últimos anos tem vindo a desenvolver outras linhas de investigação, como é o caso das teorias do curso de vida (Carlsson, 2012) que têm como principal finalidade explicar tanto a continuidade, como as mudanças que ocorrem ao longo do percurso criminal de cada indivíduo (Sampson, 2015). Deste modo, as teorias do curso de vida estão inteiramente ligadas ao comportamento desviante, preocupando-se a estudar tudo o que lhe é subjacente desde o seu desenvolvimento, dinâmicas, fatores explicativos de desenvolvimento e os fatores de mudança que ocorrem ao longo da vida, inclusive na desistência, e em relação à idade (Farrington, 2009; Basto-Pereira & Farrington, 2019, 2020). Farrington (2009), considera que as perspetivas do curso de vida tornam-se pertinentes pois permitem estudar o desenvolvimento e as diferenças e variações individuais do comportamento desviante ao longo da vida, bem como auxilia nas práticas de prevenção e intervenção.

Segundo, Sampson (2015), o curso de vida pode ser definido como os vários percursos que o indivíduo faz com o decorrer da idade, que é diferenciado e marcado pelas determinadas experiências e transições sociais a que se expõe ao longo da sua vida. Parte deste percurso passa por duas principais dinâmicas, as trajetórias e as transições. As trajetórias são os padrões de comportamento da vida a longo prazo, tais como o trabalho, o casamento e o comportamento desviante. Por outro lado, as transições postulam os eventos de curto-prazo, envolvidos nas trajetórias, tais como, o começar um novo trabalho, casar ou ser sentenciado a uma pena de prisão. Estes eventos transicionais são os designados “*turnings points*” que podem corresponder a mudanças que ocorrem ao longo da trajetória de vida do indivíduo. A literatura acerca dos pontos de viragem, ou *turning points*, tornam-se importantes, pois podem ter influência na prevenção e intervenção com delinquentes, por exemplo, no combate à reincidência criminal (Assink, van der Put, Hoeve, de Vries, Stams & Oort, 2015).

3.1. Teoria do Controlo Social Informal graduado pela idade - Sampson e Laub (2003)

A Teoria do Controlo Social Informal graduado pela idade de Sampson e Laub, (2003), visa entender os comportamentos desviantes ao longo do curso de vida, focando-se nas diferenças individuais e nos laços sociais para explicar a desistência do comportamento desviante (Devers, 2011). Os autores consideram que a vida criminal do indivíduo não é

totalmente estável podendo haver alterações ao longo do curso de vida, inclusivamente na idade adulta, que podem possibilitar mudanças ou persistência nos comportamentos desviantes (Sampson, 2015).

Assim, uma temática central desta teoria prende-se à desistência do crime, associado ao estudo dos comportamentos desviantes em vários estágios do curso de vida do indivíduo, isto é, infância, adolescência e idade adulta (Sampson & Laub, 2001). O princípio geral reflete que os comportamentos desviantes têm menos probabilidade de persistirem se houver fortes vínculos com a sociedade, atividades de rotinas e objetivos de realização estruturados. Pelo contrário, fracos vínculos sociais, fracas atividades de rotina e objetivos, contribuem para que o comportamento desviante persista (Sampson & Laub, 2004, 2005).

Os autores diferenciam o curso de vida dos indivíduos com base na idade, o que permite analisar os diferentes controlos sociais formais e informais de cada indivíduo ao longo da vida. Estes são considerados a família, os pares, a escola e mais tarde, na idade adulta o casamento e emprego (Farrington, 2009), que variam ao longo da vida do indivíduo e estabelecem uma forte ligação com a persistência ou desistência do comportamento desviante (Sampson, 2015). Desta forma, existem certos eventos de vida e experiências de socialização na idade adulta que podem influenciar a trajetória de vida do indivíduo e estabelecer mudanças comportamentais (Sampson & Laub, 2005) pois há formação de novos controlos informais (Sampson & Laub, 2005, 2016). Assim, um ponto chave nesta teoria prendeu-se a compreender o porquê de os adolescentes persistirem ou desistirem à medida que vão entrando para a idade adulta. Primeiramente o foco estava na procura dos fatores de risco que podiam prever comportamentos antissociais. Os principais fatores de risco encontrados são o baixo nível de supervisão parental, disciplina ameaçadora e severa e fraca vinculação parental, bem como fracos vínculos com a escola e ter pares delinquentes (Ward, 2019). Após isto, os autores procuraram encontrar fatores protetores, tendo em conta que o indivíduo na idade adulta se associa a novos controlos sociais e institucionais, que podem surgir como “*turning points*”. Assim, verificaram que um emprego estável e uma forte vinculação de matrimónio estão significativamente relacionadas com mudanças comportamentais em relação ao crime na idade adulta. Desta forma, os autores identificaram alguns fatores protetores, como o casamento/coabitação, o emprego, uma carreira militar, mudança de cidade, escolaridade, lazer e desporto (Sampson & Laub, 2005).

O surgimento destes fatores ao longo da vida do indivíduo tem diversos benefícios para os sujeitos pois pode-se traduzir em mudanças comportamentais na trajetória de vida dos jovens delinquentes, fornecem monitorização social, suporte pessoal e social a longo prazo, permite a envolvimento em rotinas com atividades saudáveis e, promove uma transformação pessoal e identitária no indivíduo (Sampson & Laub, 2005, 2016). Note-se que para estes fatores mudarem comportamentos é necessário que haja fortes vinculações, e situações estáveis, como no caso de um casamento saudável ou um emprego estável (Sampson & Laub, 2004). Por outro lado, é necessária uma grande motivação por parte dos sujeitos para mudarem os seus comportamentos, e aceitarem desenvolver uma identidade pró-social (Rowe & Soppitt, 2014).

Esta teoria tem suporte empírico, Sampson e Laub (1993, 2003), com base nos dados de Glueck e Glueck, (1950, 1968), estudaram e avaliaram as hipóteses propostas na sua teoria, encontrando resultados favoráveis e significativos às suas contextualizações. Outros estudos mais recentes foram realizados (Farrington & West (1995); Benda & colegas (2005); Bersani, et al., 2009; Petras & colegas (2010)), os resultados vão ao encontro dos pressupostos da teoria, sendo que o casamento e o emprego, por exemplo, diminuem a probabilidade de os indivíduos cometerem crimes (Devers, 2011).

Resumindo, a Teoria do Controlo Social e Informal de Sampson e Laub (2005) refere que existem um conjunto de fatores que contribuem como novas fontes de controlos sociais formais e informais na idade adulta que possibilitam mudanças na trajetória de vida do indivíduo, transformações identitárias e, conseqüentemente comportamentos pró-sociais.

3.2. Teoria Integrada e Cognitiva do Potencial Antissocial (ICAP) - Farrington (2005)

A Teoria Integrada e Cognitiva do Potencial Antissocial (ICAP) de Farrington (2005), visa estudar, com base nas diferenças inter e intraindividuais de cada indivíduo, o desenvolvimento e a persistência criminal (Fox, Jennings & Farrington, 2015). O conceito central desta teoria é o Potencial Antissocial (AP), definido como a tendência que cada indivíduo apresenta para cometer atos criminais (McGee & Farrington, 2018), que depende da interação entre o indivíduo (processos cognitivos como o pensamento e decisão) e o ambiente, particularmente, as vítimas e as oportunidades criminais (Farrington, 2003). Assim é necessário ter em conta os fatores que podem ter influência no potencial antissocial, sendo estes de potencial antissocial de longo prazo ou potencial de curto prazo.

O potencial antissocial de longo prazo relaciona-se com vários fatores desenvolvimentais e de história de vida de cada pessoa, sendo diferente de indivíduo para indivíduo. O potencial de curto prazo prende-se a diferenças intraindividuais, e resulta de fatores situacionais do imediato que influenciam o potencial de longo prazo (Farrington, 2003; Farrington, 2017; Fox, Jennings & Farrington, 2015). Farrington (2005), listou diversos fatores de risco que influenciam o potencial antissocial de longo prazo sendo a impulsividade (forma como um determinado indivíduo age sem pensar nas consequências), socialização/vinculação (famílias problemáticas, fraca supervisão/vinculação dos pais, níveis muito baixos de ansiedade), modelos antissociais (pais/familiares criminosos, pares desviantes, o bairro em que o indivíduo vive ter altos níveis de incidência criminal, bem como a escola ser delinquente), fatores estimulantes (desejo por bens materiais e a necessidade de satisfação sexual) e eventos de vida (casar/ divórcio, exército, religião) (Farrington, 2003; Farrington, 2017; Fox, Jennings & Farrington, 2015; Farrington, 2019). No que diz respeito ao potencial antissocial de curto prazo, Farrington (2005) postulou também fatores de risco que se relacionam com o comportamento da pessoa numa determinada situação (Fox, Jennings & Farrington, 2015), sendo estes motivacionais como os fatores estimulantes (sob o efeito de estados emocionais/ sob efeito de substância, tais como frustração, raiva, alcoolismo, efeito drogas ou é estimulado por pares desviantes a cometer crimes) e situacionais como as oportunidades criminais e rotinas (disponibilidade das vítimas, situações favoráveis para cometer crimes ou para procurar e encontrar uma vítima vulnerável) (Farrington, 2003).

Desta forma, ingressar em comportamentos criminais depende do potencial antissocial de cada indivíduo, bem como dos processos cognitivos, nomeadamente a percepção dos custos e benefícios, a percepção das diferentes consequências ou benefícios daqueles comportamentos ou as próprias experiências passadas que contribuem para o repertório comportamental (Farrington, 2003). As consequências dos atos criminais podem conduzir a processos de aprendizagem resultantes da punição, reforço, rotulação e a estigmatização, o que no limite pode levar a alterações do potencial antissocial de longo prazo e nos processos cognitivos de tomada de decisão (Farrington, 2017). Assim, o indivíduo desiste do crime porque o há um decréscimo do potencial antissocial de longo prazo e de curto prazo, bem como mudanças nos processos de tomada de decisão (Farrington, 2017).

Neste sentido, Farrington (2003; 2017) sugere que as mudanças nas atividades de rotina, nas oportunidades criminais, nas vítimas e principalmente os eventos de vida (casar, ter um

emprego estável, mudar de casa, alistar-se no exército ou converter-se a uma religião), reduzem o potencial antissocial de longo prazo, funcionando como fatores protetores. Segundo, Farrington (2017), os fatores protetores devem ser analisados, bem como os fatores de risco, e devem ser incluídos nos programas de intervenção com delinquentes, tendo em conta que os fatores de risco devem ser reduzidos enquanto são implementados fatores protetores.

Esta teoria tem suporte empírico, van der Laan, Blom e Kleemans (2009), numa amostra de jovens delinquentes, encontraram que os fatores de risco quer do potencial antissocial de longo prazo, quer do potencial antissocial de curto prazo, teorizados por Farrington, desempenham um grande papel na explicação da delinquência. Recentemente, Farrington com alguns colaboradores (Farrington & McGee, 2017, 2019), têm testado empiricamente a ICAP numa amostra longitudinal de Cambridge inserida no Estudo de Desenvolvimento Delinvente. Os resultados encontrados mostram que o potencial antissocial é estável entre os 18 e os 48 anos, mas tende a baixar ao longo do tempo. Tal como é esperado pelas hipóteses expostas na teoria, outro dado fundamental encontrado neste estudo é que o potencial antissocial de longo prazo explica a ocorrência de comportamentos criminais em indivíduos de diferentes gerações.

A PRESENTE INVESTIGAÇÃO

O curso de vida de um indivíduo, pode sofrer diversas alterações desde a infância até à idade adulta, pois existem determinados fatores que podem influenciar a vida do indivíduo negativamente ou, pelo contrário, positivamente. Nestes estão incluídos os fatores de risco e os fatores protetores que contribuem para a forma como cada indivíduo se exprime, comporta, pensa e sente (Sampson & Laub, 2005). Também os traços de personalidade estabelecem uma ponte importante na identidade dos sujeitos, na forma como se comportam e relacionam face à sociedade, como é o caso dos traços psicopáticos que por a sua especificidade (Mccuish & Lussier, 2018) podem requerer uma maior atenção ao nível social, tendo em conta que podem sugerir comportamentos inaceitáveis socialmente (Farrington, 2017). Deste modo, surge a necessidade de promover e fornecer ferramentas para que os sujeitos se possam exprimir e comportar de forma harmoniosa em sociedade.

Por conseguinte, através de estudos recentes (Hawes, Byrd, Gonzalez, Cavanaugh, Bechtold, Lynam e Pardini, 2018) pode-se refletir que os traços de psicopatia sugerem ser até certo ponto flexíveis e maleáveis o que pode promover mudanças em padrões de desenvolvimento e identidade do indivíduo. Por exemplo, na fase da adolescência existem diversas mudanças cognitivas, biológicas e sociais as quais podem interferir com a estabilidade dos traços, o que pode reduzir ou pelo contrário aumentar a intensidade dos traços psicopáticos (Salihovic, Özdemir & Kerr, 2014).

Deste ponto de vista, é possível refletir que poderá haver um conjunto de fatores protetores que promovem uma mudança na intensidade dos traços psicopáticos, tal como Sampson e Laub (2005), teorizaram fatores protetores que tem influência no comportamento desviante e, tendo em conta que as transições do curso de vida são essenciais para integrar, suportar, monitorizar e intervir com os indivíduos (Kazemian, 2007). Este estudo torna-se assim pertinente, visto que não há estudos registados na literatura que relacionem estas temáticas.

Desta forma, os objetivos da presente investigação são: 1) analisar se um conjunto de fatores protetores, como a escolaridade, a religião, o desporto, o lazer e a mudança de cidade, estão associados a diferentes dimensões dos traços de psicopatia; e 2) se uma mudança nesses mesmo fatores no último ano, está associado a mudanças nos traços psicopáticos no mesmo período.

METODOLOGIA

1. Participantes

A presente investigação constituiu uma recolha de amostra em dois momentos diferentes. No primeiro momento, a amostra é composta por 617 jovens adultos entre os 18 e os 20 anos da comunidade da população portuguesa, com uma média idade de 18,87 e um desvio padrão de 0,82. Do total de participantes, 36.95% (n = 228) são do sexo masculino e 63.05% (n = 389) são do sexo feminino. Relativamente às habilitações literárias 76.66% (n = 473) dos sujeitos têm o ensino secundário enquanto 12.80% (n = 79) têm o ensino superior e 10.53% (n = 65) têm o ensino básico.

No que diz respeito ao estatuto socioeconómico da maioria dos participantes 51.50%, (n= 310) é médio, sendo que 33.89% (n= 204) refere ter um estatuto baixo e 14.62% (n= 88) têm estatuto socioeconómico alto. Relativamente à etnia, 82.95% (n = 506) refere não pertencer a um grupo minoritário, sendo portugueses com ascendência portuguesa, enquanto 17.05% (n=104) refere pertencer a uma minoria étnica ou ser emigrante.

Da amostra total referida, uma subamostra de 50 participantes que mostrou interesse em participar num segundo momento deste estudo, foi avaliado um ano mais tarde. Desta subamostra realça-se o facto de 84% (n = 42), são sujeitos do sexo feminino enquanto os restantes 16% (n = 8) são do sexo masculino. Relativamente à idade, os sujeitos apresentam uma média de 18.66 anos e um desvio padrão de 0.77. O estatuto socioeconómico destes participantes, 16% (n= 8) referem ter um estatuto baixo, 70% (n=35) são do médio e 14% (7) pertencem a um alto estatuto socioeconómico. No que concerne à etnia 90% (n=45) são portugueses enquanto, 10% (n= 5) pertencem a uma minoria étnica e/ou cultural ou emigrante.

A amostra no primeiro momento foi recolhida em diversas entidades do território nacional português, incluindo Portugal Continental e Regiões Autónomas, tais como escolas secundárias e profissionais, universidades, empresas, organizações sociais, desportivas e de lazer. De forma a controlar variáveis que poderiam limitar a realização da presente investigação foram formulados alguns critérios de exclusão tais como: problemas de saúde mental grave, ausência de habilitações literárias, e a incompreensão pela língua portuguesa, que poderiam limitar a compreensão e o preenchimento do protocolo. As características sociodemográficas da amostra do primeiro e segundo momento desta investigação podem ser consultadas de forma mais detalhada na Tabela 1, apresentada de seguida.

Tabela 1*Dados Sociodemográficos*

Variáveis Sociodemográficas		Amostra Total (N=617)		Subamostra (N=50)	
		1º Momento		1º e 2º Momento	
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade		18.87	0.82	18.66	0.77
Escolaridade		11.40	1.29	11.74	1.01
		<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Gênero	Masculino	228	36.95	8	16.00
	Feminino	389	63.05	42	84.00
Habilitações Literárias	Ensino Básico	65	10.53	2	4.00
	Ensino Secundário	473	76.66	40	80.00
	Ensino Superior	79	12.80	8	16.00
Estatuto Socioeconómico	Baixo	204	33.89	8	16.00
	Médio	310	51.50	35	70.00
	Alto	88	14.62	7	14.00
Minoria Étnica	Não	506	82.95	45	90.00
	Sim	104	17.05	5	10.00

Note. *n*= Número de Participantes. *DP*= Desvio Padrão. *M*= Média. %= Percentagem.

2. Instrumentos

Neste estudo foram utilizados dois instrumentos. Um protocolo que inclui os dados sociodemográficos e avalia os fatores de proteção/desistência de crime e um questionário que avalia os traços de psicopatia.

Questionário Geral Sobre a Situação Social e familiar

Este questionário foi fundamental para a recolha dos dados sociodemográficos dos participantes. Incluem dados como o sexo, a idade, habilitações literárias, grupo étnico, estatuto socioeconómico, ocupação, entre outras informações gerais e relevantes. Foi ainda utilizado para avaliar os fatores de desistência de crime ou proteção que compreendem as práticas de lazer, desporto, religião, mudança de cidade, entre outros (Anexo II).

Youth Psychopathic Inventory – Short Version (YPI-S; Van Baardewijk et al., 2010; Versão portuguesa para adolescentes do YPI-Short Version: Pechorro, Andershed, Ray, Maroco, & Gonçalves, 2015)

Este questionário de autorrelato propõe uma versão reduzida para a versão portuguesa do *Youth Psychopathic Inventory (YPI)* versão original de 50 itens de Van Baardewijk et al., (2010). A escala reduzida integra 18 itens avaliados numa escala de Likert pontuada de 1 – “Discordo muito” a 4 – “Concordo muito”, que visam avaliar a presença de traços de psicopatia. Quanto maior for a pontuação do sujeito neste instrumento maior é o índice de traços psicopáticos. Esta escala é dividida em três dimensões da psicopatia, isto é, interpessoal, afetiva e comportamental, apresentando também uma dimensão global, sendo que cada dimensão tem associada traços de psicopatia. Assim, a dimensão interpessoal inclui traços de grandiosidade, mentira, manipulação e charme desonesto (Item 1 – “Tenho jeito para enganar as pessoas, usando o meu charme e o meu sorriso”). Relativamente à dimensão afetiva, esta engloba frieza emocional, insensibilidade e ausência de remorsos (Item 8- “Quando as outras pessoas têm problemas muitas vezes é por culpa delas, por isso não devíamos ajudá-los”). Por fim, encontra-se na dimensão comportamental traços do tipo busca de excitação, impulsividade e irresponsabilidade e (Item 15 – “ Muitas vezes falo primeiro e só penso depois”) (Anexo III).

No que diz respeito às qualidades psicométricas deste instrumento, a versão portuguesa e a versão original apresentam boas características psicométricas (YPI-S; Van Baardewijk et al., 2010; Versão portuguesa do YPI-Short Version: Pechorro et al., 2015). A consistência interna na escala total do Inventário de Traços Psicopáticos em Adolescentes foi de $\alpha = 0.79$ e nas dimensões interpessoal, afetiva e comportamental variou de $\alpha = 0.72$ e $\alpha = 0.75$, sendo por isso mesmo considerada apropriada.

3. Procedimento

O presente estudo está integrado no projeto de investigação internacional longitudinal intitulado de “*Estudo Internacional sobre comportamentos pro(anti)sociais no início da idade adulta*” (SOCIALDEVIANCE1820), que tem como principal objetivo explorar os fatores relacionados com o ajustamento psicossocial e o comportamento pro/antissocial no início da idade adulta. Este projeto integrou três momentos de estudo, sendo que o contributo pessoal para a investigação consistiu em participar na recolha de dados da terceira e última fase do projeto. É importante referir que o projeto de investigação foi apresentado à Comissão de Ética do ISPA-Instituto Universitário, o qual deu um parecer favorável e a sua aprovação, o que

permitiu a realização da presente investigação. Pode consultar de forma mais detalhada o projeto supracitado em Basto-Pereira, Garcia-Queiroz, Maciel, Leal e Gouveia-Pereira (2019).

Este estudo, por se caracterizar como um estudo longitudinal, pressupõe duas fases de recolha de dados. Primeiramente, procedeu-se à recolha de dados a qual ocorreu de forma presencial no contexto de grupo e sala de aula. Foram explicados os objetivos pelo investigador a todos os participantes, bem como o facto de o preenchimento do protocolo ser voluntário e a confidencialidade das informações ser garantida, podendo os mesmos estarem confortáveis para recusar ou desistir a qualquer momento, se assim desejassem. Seguidamente, os participantes assinaram um consentimento informado (Anexo I) e começaram o preenchimento do protocolo, que demora em média 25 minutos. Após toda a recolha de dados, realizou-se o tratamento dos dados com apoio do programa estatístico IBM® SPSS® STATISTICS 25.0 (Chicago IL, USA), onde se elaborou uma base de dados que contém toda a informação dos participantes.

A segunda fase ocorreu um ano depois da primeira, sendo que apenas participaram os sujeitos que demonstraram interesse e aceitaram participar no segundo momento do estudo quando questionados no final da primeira fase. Assim sendo, os 50 participantes da subamostra foram então contactados para proceder ao preenchimento do mesmo protocolo via *online*. À semelhança da primeira fase, foi necessário assinar um consentimento informado para confirmarem a sua participação na segunda fase. Todos os objetivos foram novamente explicados, bem como todas as informações relativas à voluntariedade e anonimato das informações. Após a recolha dos dados da segunda fase, estes foram inseridos na base de dados já criada para a primeira fase, para se proceder à sua análise.

No que diz respeito aos procedimentos estatísticos, numa fase inicial e relativamente ao momento da primeira fase (T1), foi executada uma correlação de *Pearson* para analisar se existe uma associação entre os fatores protetores da desistência de crime e os traços de psicopatia nas suas dimensões, geral (total) e específicas (interpessoal, emocional e comportamental). Ainda para o primeiro momento, foi elaborada uma Regressão Linear Múltipla para explorar quais os fatores que afetam significativamente os traços psicopáticos no total e nas suas dimensões. No final, de forma a averiguar se houve mudanças na estabilidade dos traços psicopáticos, utilizou-se uma correlação de *Spearman*, onde foi calculada a diferença entre o segundo e o primeiro momento (T2- T1) nos fatores protetores e nas dimensões dos traços psicopáticos no último ano.

RESULTADOS

Este capítulo da presente investigação encontra-se dividido em três momentos. Primeiramente, realizou-se uma análise dos coeficientes de Correlação de *Pearson* para explorar se existe uma relação entre os fatores protetores (escolaridade, nunca reprovou, lazer, desporto, religião praticante e mudança de cidade) e os traços de psicopatia nas suas dimensões geral (total) e específicas (interpessoal, emocional e comportamental). Seguidamente, efetuou-se uma Regressão Linear Múltipla de forma a analisar quais os fatores protetores que afetam significativamente os traços psicopáticos no total e nas suas dimensões. Por fim, apresenta-se uma Correlação de *Spearman* que visa analisar se houve mudanças significativas nos traços psicopáticos.

1. Correlação de *Pearson* entre os fatores protetores e os traços de psicopatia

A fim de analisar as associações entre os fatores protetores e os traços de psicopatia, foram realizadas correlações de *Pearson* que podem ser observadas na tabela 2. Os resultados obtidos sugerem que os traços de psicopatia na dimensão total, manifestam estar correlacionados significativamente com a escolaridade ($r = -.13, p < 0.01$), nunca reprovou ($r = -.11, p < 0.01$) e a religião praticante ($r = -.08, p < 0.05$). A dimensão interpessoal da psicopatia mostra-se significativamente correlacionada com o fator desporto ($r = .07, p < 0.05$) e a religião praticante ($r = -.07, p < 0.05$). Relativamente à dimensão emocional, está correlacionada significativamente com a escolaridade ($r = -.19, p < 0.01$), nunca reprovou ($r = -.16, p < 0.01$) e o desporto ($r = .12, p < 0.01$). Por fim, a dimensão comportamental mostra-se significativamente correlacionada com os fatores escolaridade ($r = -.15, p < 0.01$), nunca reprovou ($r = -.12, p < 0.01$), lazer ($r = -.08, p < 0.05$) e o desporto ($r = -.07, p < 0.05$). Como pode ser observado, dos seis fatores estudados, apenas a mudança de cidade não se encontra correlacionado com os traços psicopáticos. O fator com uma maior presença correlacional é a escolaridade. Deste modo, pode-se também observar que o desporto é o único fator correlacionado positivamente com os traços psicopáticos nas dimensões interpessoal e emocional, pelo que se pode aferir que quanto maior envolvimento em atividades desportivas, maior poderá ser a intensidade de traços psicopáticos das respetivas dimensões. Por outro lado, a escolaridade, nunca reprovou, o lazer e a religião praticante, apresentam-se associados negativamente aos traços de psicopatia, portanto, quanto melhor for a escolaridade, o nível de lazer e o envolvimento num grupo religioso, menor será os níveis de intensidade de traços psicopáticos.

Tabela 2*Correlação de Pearson entre os traços de psicopatia e os fatores protetores (N=617)*

	YPI Total	YPI Interpessoal	YPI Emocional	YPI Comportamental
Sexo	-0.18**	-0.15**	-.028**	0.02
Idade	-0.06	-0.01	-0.07*	-0.05
Escolaridade	-0.13**	0.03	-0.19**	-0.15**
Nunca Reprovou	-0.11**	0.03	-0.16**	-0.12**
Lazer	-0.01	0.02	0.06	-0.08*
Desporto	0.05	0.07*	0.12**	-0.07*
Religião Praticante	-0.08*	-0.07*	-0.02	-0.06
Mudança de Cidade	0.00	-0.01	-0.01	0.02

Note. YPI = Youth Psychopathic Traits Inventory; * $p < .05$. ** $p < .01$.

2. Regressão Linear Múltipla para examinar a influência dos fatores protetores nos traços de psicopatia

No que diz respeito à Regressão Linear Múltipla com vista a explorar quais os fatores protetores que predizem significativamente os traços psicopáticos no total e nas suas dimensões, os resultados mostram que para a dimensão total dos traços psicopáticos o modelo é significativo ($R^2 = .06$, $F(8, 573) = 4.804$, $p < 0.01$) e os fatores significativos neste modelo são o sexo ($\beta = -.20$, $p < 0.01$) e a escolaridade ($\beta = -.09$, $p < 0.03$). Pode-se observar na tabela 3 que estes preditores se encontram com valores negativos, o que sugere que estes fatores diminuem os traços de psicopatia para a dimensão total.

Tabela 3

Regressão Linear Múltipla entre os fatores protetores e os traços de psicopatia na dimensão total (N=617)

Preditores	YPI Total			
	B	SE	β	<i>p</i>
Sexo	-0.17	0.04	-0.20*	<.01
Idade	-0.03	0.02	-0.05	0.20
Lazer	-0.05	0.04	-0.06	0.24
Desporto	0.04	0.04	0.05	0.28
Religião Praticante	-0.06	0.04	-0.06	0.16
Mudança de Cidade	0.01	0.06	0.01	0.85
Escolaridade	-0.08	0.04	-0.09*	0.03
R ²			0.06	
<i>p</i>			<.01	
df			7	

Relativamente à Regressão Linear para explorar quais os fatores que predizem significativamente os traços de psicopatia nas dimensões interpessoal, emocional e comportamental, os resultados observáveis na tabela 4 mostram que o modelo é significativo na dimensão emocional ($R^2 = 0.06$, $F(8, 575) = 10.233$, $p < .01$) e comportamental ($R^2 = 0.01$, $F(8, 577) = 2.312$, $p < 0.03$). Pode-se observar que para a dimensão interpessoal os fatores protetores não se mostram estatisticamente significativos, sugerindo que não há fatores que predizem significativamente os traços de psicopatia da dimensão interpessoal. No que concerne à dimensão emocional os únicos fatores significativos são o sexo ($\beta = - 0.08$, $p < 0.05$), a mudança de cidade ($\beta = - 0.15$, $p < .01$) e a escolaridade ($\beta = - 0.15$, $p < .01$). Na dimensão comportamental, os fatores significativos para o modelo são a mudança de cidade ($\beta = - 0.11$, $p < .01$) e a escolaridade ($\beta = - 0.11$, $p < .01$). Como é possível observar, os valores dos fatores encontram-se negativos o que sugere que nestas mesmas dimensões os traços de psicopatia diminuem.

Tabela 4

Regressão Linear Múltipla entre os fatores protetores e os traços de psicopatia nas suas dimensões interpessoal, emocional e comportamental (N=617)

Preditores	YPI Interpessoal				YPI Emocional				YPI Comportamental			
	B	SE	B	<i>p</i>	B	SE	β	<i>p</i>	B	SE	β	<i>p</i>
Sexo	0.01	0.03	0.01	0.86	-0.05	0.03	-0.08*	0.05	-0.04	0.03	-0.05	0.22
Idade	-0.05	0.06	-0.03	0.48	-0.03	0.05	-0.02	0.60	-0.06	0.06	-0.05	0.25
Lazer	0.08	0.06	0.06	0.18	0.09	0.05	0.08	0.06	-0.04	0.05	-0.03	0.47
Desporto	-0.10	0.06	-0.07	0.12	0.01	0.05	0.10	0.83	-0.06	0.05	-0.04	0.29
Religião Praticante	-0.01	0.10	-0.00	0.96	0.02	0.07	0.01	0.80	0.02	0.08	0.01	0.79
Mudança de Cidade	0.07	0.06	0.05	0.23	-0.17	0.04	-0.15*	<.01	-0.13	0.05	-0.11*	<.01
Escolaridade	0.07	0.06	0.05	0.23	-0.17	0.04	-0.15*	<.01	-0.13	0.05	-0.11*	<.01
R ²	0.02				0.06				0.01			
<i>p</i>	0.02				<0.01				0.03			
df	7				7				7			

3. Correlação de *Spearman* entre a mudança nos fatores protetores nos últimos 12 meses e os traços de psicopatia

De modo a analisar se houve mudanças significativas nos traços psicopáticos segundo os fatores protetores, no período de um ano, calculou-se a diferença entre os dados do segundo momento com os do primeiro momento (T2-T1), dos fatores protetores com as dimensões dos traços de psicopatia e, posteriormente, efetuou-se uma correlação de *Spearman*. Dado o número muito reduzido de indivíduos que apresentaram mudanças nos fatores protetores, religião e mudança de cidade, esses dois fatores foram excluídos da análise.

Pode-se observar pelos resultados da tabela 5 que não houve mudanças significativas, nos últimos 12 meses, entre os fatores protetores e os traços de psicopatia nas suas dimensões, pelo que se sugere que os fatores protetores não estão associados a mudanças de intensidade dos traços de psicopatia nesse mesmo período. Contudo, o desporto ($r_s = -0.20, p < 0.1$) e a escolaridade ($r_s = -0.19, p < 0.1$) são marginalmente significativos nas dimensões interpessoal e emocional, respetivamente.

Tabela 5

Correlação de Spearman entre a mudança nos traços de psicopatia derivado dos fatores protetores nos últimos 12 meses (N=50)

Preditores	YPI Total	YPI Interpessoal	YPI Emocional	YPI Comportamental
Lazer (T2-T1)	-0.10	-0.11	0.03	-0.06
Desporto (T2-T1)	-0.06	-0.20 [†]	0.05	0.03
Escolaridade (T2-T1)	-0.17	-0.16	-0.19 [†]	0.05

Note. YPI = Youth Psychopathic Traits Inventory; [†] $p < .10$ * $p < .05$. ** $p < .01$. As correlações foram conduzidas tendo em conta hipóteses unilaterais uma vez que estão a ser avaliados fatores protetores.

DISCUSSÃO

A presente investigação teve como objetivos analisar e compreender se os fatores protetores escolaridade, lazer, desporto, mudança de cidade e religião (Sampson & Laub, 2005) estão associados a uma mudança nos traços de psicopatia nas suas dimensões interpessoal, emocional e comportamental. Tanto quanto se sabe poucos são os estudos que abordam e analisam a relação que existe entre estes fatores protetores e uma mudança nos traços de psicopatia ao longo de um ano.

Assim, este estudo torna-se pertinente, pois a amostra é constituída por indivíduos jovens adultos, o que permite analisar o período em que os traços de psicopatia se começam a moldar na personalidade do sujeito (Caspi, Roberts & Shiner, 2005; Caspi & Shiner, 2007). Por outro lado, a amostra é constituída por ambos os sexos, o que permite amostras femininas, tendo em conta que os estudos da psicopatia para este género são escassos e pouco desenvolvidos. A amostra ter sido recolhida na comunidade permite uma maior generalização da amostra, bem como essenciais implicações nos estudos de prevenção, risco e reincidência criminal, visto que os estudos para os traços de psicopatia pela sua forte associação a comportamentos antissociais, são focados em indivíduos encarcerados ou na relação a comportamentos antissociais. Pela especificidade que os traços psicopáticos apresentam (Mccuish & Lussier, 2018) podem requerer uma maior atenção ao nível social, e por isso, é importante refletir acerca de novas formas de intervenção e prevenção com estes sujeitos para que se possam exprimir e comportar de forma harmoniosa em sociedade e não ingressem em carreiras criminais. Os resultados obtidos, mostram que alguns dos fatores protetores predizem mudanças nos traços de psicopatia, contudo, não se verificam mudanças significativas na intensidade dos traços de psicopatia ao longo do ano. Todavia, os fatores desporto e escolaridade apresentam-se marginalmente significativos nas dimensões interpessoal e emocional, respetivamente.

1. Relação entre os fatores protetores e os traços de psicopatia

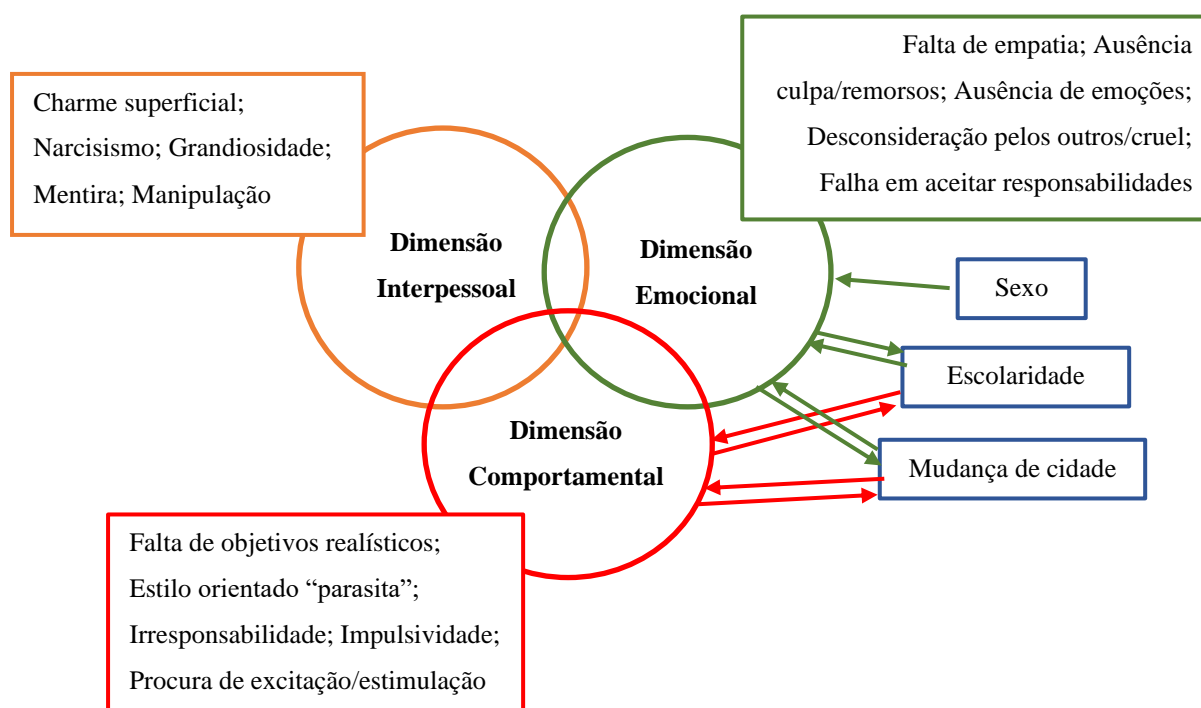
A presente investigação teve como primeiro objetivo analisar e compreender se é possível verificar uma relação entre os fatores de proteção, nomeadamente a escolaridade, a religião, o lazer, o desporto e a mudança de cidade, com as diferentes dimensões que caracterizam os traços de psicopatia (interpessoal, emocional e comportamental). Face ao facto de alguns fatores serem preditores de mudanças nos traços de psicopatia, os resultados deste

estudo são congruentes com a literatura existente (e.g., DeMatteo, Heilbrun & Marczyk, 2005; Salekin, Lee, Dillard & Kubank, 2010; McCuish & Lussier, 2020).

Os resultados obtidos (e sumarizados graficamente na Figura 1), sugerem que: 1) nenhum fator protetor prediz mudanças nos traços de psicopatia da dimensão interpessoal; 2) O sexo é preditor de mudanças nos traços de psicopatia da dimensão emocional; 3) Os fatores de mudança de cidade e escolaridade predizem mudanças dos traços de psicopatia nas dimensões emocional e comportamental. Pode observar-se que o sexo prediz mudanças na dimensão emocional, bem como a mudança de cidade e escolaridade prediz mudanças nos traços da dimensão emocional e comportamental, encontrando-se inversamente associados. Assim sendo, ser do sexo feminino, mudar de cidade e ter um bom ambiente escolar está associado a baixos níveis de traços de psicopatia nas respectivas dimensões, podendo funcionar como fatores protetores.

Figura 1

Representação esquemática dos fatores protetores que predizem mudanças significativas nos traços de psicopatia



No que concerne à relação entre a mudança de cidade e a diminuição dos traços psicopáticos nas suas dimensões emocional e comportamental, os resultados sugerem que o

indivíduo ao mudar de cidade/residência pode promover mudanças nos traços de psicopatia emocionais e comportamentais. O ambiente e o contexto onde o indivíduo se desenvolve estão normalmente associados ao desenvolvimento dos traços psicopáticos (Frick, Kimonis, Dandreaux & Farell, 2003), nomeadamente se for um contexto delinvente, tendo conta a forte relação entre os traços psicopáticos e o comportamento antissocial (DeLisi, 2009; Murray, Waller & Hyde, 2018), assim, a mudança de cidade pode trazer mudanças de identidade, sugerindo que os traços psicopáticos podem ser reduzidos com ambientes saudáveis.

Desta forma, a mudança de cidade, pode trazer diversas implicações positivas no desenvolvimento e no curso de vida do indivíduo. Por um lado, afasta-o do contexto delinvente e dos pares desviantes (caso estes tivessem anteriormente presentes), por outro pode promover suporte, supervisão e monitorização social, a procura e a ingressão de novos objetivos e rotinas e uma transformação cognitiva e de identidade (e.g., Sampson & Laub, 2003; Sharkey & Sampson, 2010; Kirk, 2012;).

Munõz, Kerr e Besic (2008), no seu estudo sobre o papel dos pares nos traços de psicopatia observaram que na infância/adolescência os jovens com traços elevados de psicopatia tendem a ter amigos desviantes e a sua relação é moderadamente estável. Segundo, Paternoster, McGloin, Nguyen e Thomas (2012), os pares desviantes são um fator importante para a delinquência, desta forma é importante que o indivíduo se desvincule desses pares.

Para Sharkey e Sampson (2010), a mudança de residência faz com que os indivíduos se desvinculem de pares e relações sociais disruptivas. Segundo a Teoria do Controlo Social e Formal (Sampson e Laub, 2003), o novo contexto promove a vinculação a novas formas de controlo social formal e informal o que fornece novas oportunidades de supervisão, monitorização e suporte social, onde o comportamento do indivíduo é controlado e os laços sociais, são fortalecidos. Assim, ingressar numa nova cidade, faz com que o sujeito deixe de ter contacto com o contexto e os pares desviantes, e contrua novos laços sociais o que influencia o afastamento da vida delinvente e conseqüente diminuição de traços psicopáticos (Kirk, 2012; Lyam, Loeber & Stouthamer-Loeber, 2008; Barry, Barry, Deming & Lochman, 2008). Para Farrington (2005) e a sua Teoria Integrada e Cognitiva do Potencial Antissocial, a mudança de cidade pode constituir um evento de vida essencial para decréscimo do potencial antissocial do indivíduo, pois este ao afastar-se do contexto e dos pares desviantes tem menos possibilidade de procurar e encontrar oportunidades criminais e vítimas.

Por outro lado, pode promover mudanças nos processos cognitivos de ajuda a tomada de decisão através de novos processos de aprendizagem o que reflete uma diminuição do potencial antissocial do indivíduo e conseqüente diminuição de possibilidade de reincidência criminal. Ainda, a mudança de cidade também promove uma reestruturação nas rotinas e nos objetivos futuros fazendo com que haja menos oportunidades criminais (Sampson & Laub, 2003; Kirk, 2012). Kirk (2012), desenvolveu um estudo para analisar o impacto que a mudança de cidade causada pelo Furacão Katrina tem no risco de reincidência de indivíduos ofensores. As suas conclusões mostram que a mudança de cidade promove mudanças comportamentais nestes indivíduos. Desta forma, a mudança de cidade a longo prazo pode refletir mudanças de identidade e cognitivas, isto é, o indivíduo altera as suas atitudes e crenças relativamente ao crime, deixando a identidade criminal, para uma identidade pró-criminal (Widdowson & Siennick, 2020). Estas mudanças podem constituir uma componente moderadora essencial no desenvolvimento da adolescência para a idade adulta, nomeadamente nos processos cognitivos (como a tomada de decisão) e sociais (Simmons, Fine, Knowles, Frick, Steinberg & Cauffman, 2018). Mudanças de identidade, podem associar-se a mudanças nos traços de personalidade. Por exemplo os traços de personalidade psicopática associados ao comportamento antissocial, podem sofrer mudanças, tendo em conta que surge o aumento das responsabilidades, e existem mudanças de temperamento e perspetivas (Cauffman, Skeem, Dmitrieva & Cavanagh, 2016; Simmons et. al 2018). Desta forma, a mudança de cidade pode refletir a longo prazo mudanças pró-sociais, cognitivas e interpessoais associadas a mudanças de traços de personalidade antissociais para traços pró-sociais.

No que se refere à associação entre o fator escolaridade e as mudanças nas dimensões emocional e comportamental, é possível que um bom ambiente escolar (sucesso escolar, a valorização da escola, boa relação com os pares escolares e os professores) funcione como fatores protetores para os traços psicopáticos nessas respetivas dimensões. Além da família, a escola é um aspeto importante no desenvolvimento do indivíduo, onde desenvolve capacidades sociais e académicas que contribui para comportamentos pró-sociais (Payne & Welch, 2013), bem como fornece suporte emocional (Fisher & Brown, 2018). Desta forma, um bom ambiente escolar é essencial para prevenir o abandono escolar, comportamentos de risco e o desenvolvimento de traços de personalidade antissociais (Klein, Cornell & Konold, 2012; Fisher & Brown, 2018).

O bom ambiente escolar facilita o reforço positivo das suas capacidades, o que permite o sucesso académico, valorização e comprometimento para com a escola, uma vinculação mais forte aos pares pró-sociais e professores e a outras atividades pró-sociais (Dick, Forsyth, Chen, Forsyth, Biggar & Burstein, 2018).

Os professores constituem-se como uma figura essencial de socialização e vinculação emocional para o aluno, podendo ter um papel de suporte e segurança no seu desenvolvimento tanto escolar como pessoal. Assim, a relação professor-aluno e com pares pró-sociais, contribuem para um desenvolvimento de crenças normativas e competências de socialização que previnem o ingresso no comportamento delinquente e o desenvolvimento de alguns traços psicopáticos tais como a impulsividade e a falta de empatia (e.g., Barry, Barry, Deming, & Lochman, 2008; Dick, Forsyth, Chen, Forsyth, Biggar & Burstein, 2018; Baroncelli & Ciucci, 2019).

Estes traços tornam-se problemáticos no contexto escolar, devido à sua relação com o insucesso escolar, o abandono escolar e a dificuldade relacional com pares pró-sociais e professores, sendo que aumenta a probabilidade de o indivíduo ingressar em comportamentos antissociais (Moffitt, 1993; Bersani & Chapple, 2007). Contudo, o bom ambiente escolar pode ter influência nestes traços, tendo em conta que as capacidades cognitivas aumentam, promovendo crenças, valores e comportamentos pró-sociais (Mullins-Nelson, Salekin, Leistico, 2006; Ciucci, Baroncelli, Golmaryami & Frick, 2014; Fisher & Brown, 2018).

Os resultados desta investigação ainda mostram que o sexo prediz traços psicopáticos mais baixos na dimensão emocional. Sugere-se que ser do sexo feminino reflete traços psicopáticos mais baixos na dimensão emocional. Este resultado é congruente com o estudo de Pechorro, Gonçalves, Andershed e DeLisi (2017) que consideram que de todas as dimensões da psicopatia, a emocional é a que mais apresenta diferenças quando comparadas aos homens. Segundo, Logan (2009) as mulheres apresentam menos traços psicopáticos (9-23%) relativamente aos homens (15-30%). A literatura refere que (Kreis & Cooke, 2011, 2012; Pechorro et. al., 2017; Nicholls, Candice, Odgers & Cooke, 2020) as mulheres apresentam os mesmos tipos de dimensões de traços psicopáticos quando comparadas com os homens, contudo essas dimensões manifestam-se de forma menos intensa no sexo feminino quando comparadas ao sexo masculino. Outros autores consideram ainda que as manifestações de traços psicopáticos nas mulheres estão geralmente associadas a patologias como é o caso de personalidade estado-limite (Cale & Lilienfeld, 2002; Vogel & Lancel, 2016). É importante

referir que a literatura acerca da psicopatia no sexo feminino é escassa e pouco desenvolvida. Além disso, é necessário ter em conta as diferenças de género que podem ter impacto em diferenças de desenvolvimento de traços psicopáticos (Logan, 2009).

Pode-se ainda observar pelos resultados que nenhum fator se associa à dimensão interpessoal, o que se apresenta congruente com o estudo de Olver e Riemer (2021) sobre a associação de fatores protetores de reincidência em sujeitos com elevados traços de psicopatia, onde encontraram que a dimensão interpessoal é a que se associa menos a fatores protetores. Contudo, estes resultados não sugerem que a dimensão interpessoal possa ser imutável a mudanças. Segundo, Pardini e Loeber (2007; 2008) os traços psicopáticos da dimensão interpessoal têm características únicas, rígidas e são os que melhor definem a psicopatia, também pela sua característica de défices neurobiológicos. Estudos recentes sugerem que os jovens podem substancialmente reduzir traços psicopáticos, (Pardini & Loeber (2007, 2008); McCuish & Lussier, 2020) quando apoiados por programas de intervenção específicos. No seu estudo sobre mudanças de comportamentos e traços antissociais, Caldwell (2011), através de um programa de intervenção com jovens delinquentes, concluiu que os traços psicopáticos interpessoais podem ser promissores a mudanças com programas de intervenção apropriados, nomeadamente, focados no desenvolvimento de capacidades sociais e interpessoais do indivíduo.

Por fim, dos cinco fatores estudados, apenas o desporto, o lazer e a religião, não predizem mudanças nas dimensões da psicopatia. Relativamente ao desporto e às atividades de lazer, sugere-se que alguns desportos e atividades de lazer podem provocar sensações de adrenalina, nos indivíduos (Zuckerman, 2010). Indivíduos com traços de psicopatia intensos tendem a procurar espaços onde há a oportunidade de expressar e justificar os seus traços e a procura de adrenalina, relacionada com traços de impulsividade e procura de estimulação/excitação da dimensão comportamental (DeLisi, 2009; Fox, Jennings & Farrington, 2015), o que pode explicar o facto de as atividades de desporto e lazer não predizerem mudanças nos traços psicopáticos.

Por outro lado, pertencer a uma atividade de desporto ou lazer sugere que o indivíduo tem contacto com fontes de socialização, que se podem constituir como um fator de risco, como é o caso de pares desviantes. Neste sentido, os pares desviantes podem incentivar o indivíduo a ingressar em comportamentos desviantes, o que o impede de adotar ações pró-sociais, nestes contextos (Moffitt 1993; Denault e Poulin, 2018; Hinnant e Forman-Alberti, 2019).

A religião está associada a várias áreas do desenvolvimento do indivíduo, nomeadamente a questão de moralidade. A identidade moral tem implicações positivas no desenvolvimento de crenças e valores, bem como em comportamentos pró-sociais. Os sujeitos com intensos traços de psicopatia são percebidos como sendo amorais, devido aos seus comportamentos antissociais (Hardy, Walker, Rackham & Olsen, 2012). Por outro lado, a moralidade promove o desenvolvimento da empatia, algo ausente na personalidade psicopática do sujeito (DeLisi, Peters, Dansby, Vaughn, Shook & Hochstetler, 2014). Deste modo, a falta de moralidade na personalidade psicopática relaciona-se com a falta de empatia (dimensão emocional), de traços interpessoais de grandiosidade, manipulação e com comportamentos antissociais (dimensão comportamental) (Gleen, Koleva, Iyer, Graham & Ditto, 2010). A associação existente entre a religiosidade, a identidade moral e empatia, pode sugerir então uma explicação para a religião não ser preditor na redução de traços psicopáticos.

2. A mudança nos traços de psicopatia segundo os fatores protetores

Face ao segundo objetivo da presente investigação, não se verificaram mudanças nos traços de psicopatia nas suas dimensões interpessoal, emocional e comportamental através dos fatores protetores, em 12 meses. Contudo, os fatores protetores, desporto e a escolaridade foram marginalmente significativos nas dimensões interpessoal e emocional, respetivamente.

Estes resultados podem ser explicados através do facto de não se ter controlado/analísado as variáveis que contribuíram para o desenvolvimento do indivíduo e as fontes de controlo social formal e informal (laços sociais, família, pares) que possam ter influenciado o desenvolvimento do indivíduo ao longo do seu curso de vida, e as novas fontes que surgiram que possam ter contribuído para mudanças no seu curso de vida (Sampson & Laub, 2003). Outra possível explicação associa-se ao facto da subamostra de 50 participantes no segundo momento ser insuficiente para se verificar pequenas mudanças. O tamanho da amostra condicionou a possibilidade de efetuar diferentes procedimentos estatísticos, tais como detetar eficazmente tamanhos de efeito mais reduzidos ou analisar subamostras de sujeitos que apresentam traços de psicopatia intensificados.

Além disso, um ano de avaliação de mudanças, parece não ter sido suficiente para se obter os resultados que eram esperados, tendo em conta que mudanças de rotinas, comportamentos e de identidade precisam de tempo para se concretizarem (Kazemian, 2007), o que está de acordo com as diferentes conceptualizações da personalidade que referem que é necessário estudos longitudinais de longos anos para se verificar mudanças nos traços de

personalidade. Embora o maior período onde possam ocorrer mudanças de traços de personalidade situa-se na adolescência devido ao aumento de capacidades cognitivas, sociais e interpessoais, estudos longitudinais recentes sugerem que os traços podem ser alterados em todas as faixas etárias, incluído a idade adulta (20 aos 30) e idosa (até pelo menos os 70 anos) (Caspi, Roberts & Shiner, 2005; Caspi & Shiner, 2007; Roberts & Mroczek, 2008). Desta forma, a avaliação de um ano em dois momentos distintos pode não ter sido suficiente para se observar mudanças nos traços psicopáticos, sendo necessário mais anos, inclusive desde a infância até a adultice e com vários momentos de avaliação.

Embora não se tenha verificado mudanças nos traços psicopáticos através de mudanças nos fatores protetores, o desporto e a escolaridade são marginalmente significados, pelo que é necessário ter em conta estes resultados em estudos posteriores em amostras maiores. Em outras palavras, o indivíduo ao ingressar numa nova atividade desportiva ou ao aumentar a sua escolaridade poderá estar associado a uma diminuição de traços psicopáticos. Estes resultados podem ir ao encontro do estudo de Allen e Laborde (2014), que referem que a prática de um estilo de vida ativo através do desporto pode promover traços pró-sociais de personalidade, pois aumenta as capacidades cognitivas e fornece estratégias de *coping* para lidar com as adversidades dos eventos de vida. Desta forma, a ingressão na idade adulta nestes eventos de vida (desporto e escolaridade), podem estar associadas a novas fontes de controlo social formal e informal, bem como à estruturação de novas rotinas pró-sociais (Sampson & Laub, 2003; Farrington, 2005). Estas novas fontes (treinadores, professores e pares) e rotinas, podem promover suporte e monitorização social, novos objetivos futuros e realizações pessoais, o que contribui para que o sujeito se sinta valorizado e adote atitudes, crenças e valores pró-sociais (Sampson & Laub, 2003; Farrington, 2005; Fisher & Brown, 2018).

3. Limitações e Estudos Futuros

Apesar dos contributos desta investigação, é importante abordar as suas limitações metodológicas para que sejam colmatas em possíveis estudos futuros. Ainda que o número da amostra no primeiro momento desta investigação seja considerável ($N=617$), o segundo momento é composto por uma subamostra reduzida ($N= 50$). A perda de participantes para o segundo momento pode condicionar os resultados obtidos, o que influencia a representatividade do segundo momento. Referente ainda à categorização da amostra, o intervalo de idades é limitado, situado entre os 18 e 20 anos, torna-se uma limitação na medida em que apenas permite a análise da relação entre os traços de psicopatia e os fatores protetores

nessa faixa etária, pelo que a generalização dos resultados para outras faixas etárias poderá ser complexa e deverá ser efetuada com rigor e prudência.

Ainda referente à amostra, os resultados obtidos podem ter sido influenciados por a amostra ser maioritariamente constituída por sujeitos do sexo feminino, tendo em conta que se assume que os traços de psicopatia se manifestam mais intensificados em sujeitos do sexo masculino (31%), comparativamente com sujeitos do sexo feminino (11%) (Warren et al., 2003; Wynn, Høiseth & Pettersen, 2012). Outra limitação reflete a amostra ter sido selecionada por conveniência uma vez que não permite a representatividade dos jovens adultos portugueses.

Ainda é importante considerar que a recolha dos dados em apenas dois momentos com a diferença de um ano, constitui um período bastante reduzido para que se possam observar mudanças significativas, o que pode explicar o facto de nenhum fator protetor estar associado a mudanças significativas nos traços de psicopatia. Os fatores protetores e os traços de psicopatia foram avaliados através de escalas de autorrelato o que constituiu por um lado uma desvantagem pois os participantes poderão ter respondido ao questionário com base na desajustabilidade social, ou seja, pelo que é socialmente aceite, em vez de estar assente na genuinidade e aspetos realísticos.

Propõem-se ainda, algumas recomendações a serem consideradas em estudos futuros. Recomenda-se que futuros estudos devem aumentar o tamanho da amostra em todos os momentos de análise. Por outro lado, estudos futuros devem apresentar um maior número de momentos de recolhas de dados para que a amostra seja representativa dos jovens da comunidade portuguesa. Para além disso, é importante aumentar o intervalo de idades dos participantes, devendo abranger a infância até a idade adulta, tendo em conta que é possível observar comportamentos antissociais associados a traços de psicopatia desde uma idade precoce (Andershed, et al., 2018) que se desenvolvem para a idade adulta.

Deste modo, seria possível avaliar a evolução dos traços de psicopatia nos sujeitos, bem como os fatores de risco e proteção que poderão levar ao aumento ou redução da intensidade dos traços. Assim, seria possível implementar estratégias de intervenção precoces, reduzindo os fatores de risco e aumentar os fatores de proteção na vida do sujeito para que ao longo do seu crescimento e evolução de personalidade, os traços psicopáticos se desenvolvam e estabilizem com níveis baixos de intensidade.

Por outro lado, sugere-se que seja essencial que num futuro estudo se tenha em consideração a avaliação de sujeitos com níveis intensos de traços de psicopatia no primeiro

momento de avaliação para que sejam seguidos e avaliados nos seguintes momentos para ser possível observar efetivamente se existem mudanças ou não de intensidade dos traços de psicopatia. Também é recomendado o uso de instrumentos e questionários que não sejam apenas assentes no autorrelato. Por fim, recomenda-se a replicação deste estudo com sujeitos em população clínicas e forenses, nomeadamente nas prisões e nos centros educativos de todo o país, tendo em conta que os traços de psicopatia são mais prevalentes nessas populações. Sugere-se ainda que sejam explorados outros fatores protetores que possam estar associados ao crescimento e desenvolvimento pró-social dos traços de psicopatia.

4. Recomendações Clínicas e Implicações Políticas e Sociais

Os resultados desta investigação mostram que os traços psicopáticos têm associados um conjunto de fatores protetores que moderam a forma como estes traços se expressam, e os comportamentos do indivíduo. Pela sua especificidade são traços que requerem uma maior atenção social e clínica, tendo em conta também a sua forte relação com o comportamento antissocial. Desta forma esta investigação propõe um conjunto de recomendações clínicas, políticas e sociais, assentes na prevenção com intervenção, alusivo aos sujeitos com traços de psicopatia (delinquentes e não delinquentes), à família, escola e ao sistema de justiça.

No que diz respeito aos sujeitos com traços, é essencial a identificação e intervenção precoce de sujeitos com traços psicopáticos. No caso de jovens ofensores com risco de reincidência é necessária a identificação de traços psicopáticos de forma a ser implementados programas de intervenção terapêuticos, psicossociais, pró-sociais e educativos para prevenir o desenvolvimento de traços psicopáticos e de comportamentos ajustados e pró-sociais (Caldwell, McCormick, Umstead & Rybroek, 2007).

A família é a primeira fonte de vinculação social com quem o indivíduo se relaciona, portanto, o contexto familiar pode surgir como fator de risco ou protetor no desenvolvimento intenso de traços psicopáticos na criança (McDonald, Dodson, Rosenfield & Jouriles, 2011). Desta forma, sugere-se a implementação de programas que elucidem os progenitores para estas problemáticas e que visem promover competências parentais facilitadoras de um ambiente estável, acolhedor e saudável ao desenvolvimento da criança. Adicionalmente, os progenitores devem participar em intervenções que lhes proporcionem estratégias de *coping* e resolução de problemas para que consigam ter capacidades de gestão de stress, raiva, autocontrolo, entre outros.

A escola parece ser um fator protetor, e por isso é necessário a intervenção precoce de combate ao insucesso e abandono escolar, tendo em conta que o sucesso e a valorização escolar têm influência nos traços psicopáticos do foro emocional e comportamental, devido às aprendizagens, capacidades e valores que os jovens adquiram na escola. É necessário também a formação dos educadores e do Psicólogo escolar na identificação de alguns traços psicopáticos (e associados principalmente a comportamentos disruptivos), de forma a uma intervenção e prevenção precoce, sendo necessário ainda uma especialização por parte do Psicólogo escolar em saber intervir com as crianças que manifestem traços psicopáticos.

Por fim, torna-se ainda relevante a formação de profissionais do sistema de saúde, particularmente psicólogos, em identificar precocemente traços psicopáticos em crianças e adolescentes, bem como a identificar famílias carenciadas onde as crianças possam estar em perigo de forma a prevenir a modulação de traços psicopáticos na personalidade do sujeito e a ingressão em comportamentos delinquentes.

5. Considerações finais

Desde cedo que a personalidade psicopática é um tema de interesse na literatura criminal, devido a sua natureza, desenvolvimento, caracterização e a sua intensa associação com o comportamento desviante. A questão da estabilidade dos traços psicopáticos está no interesse de diversos autores, contudo é ainda um tema em desenvolvimento, pois embora a sua estabilidade seja consensual, existe ainda algumas hipóteses a serem estudadas.

Tendo em conta a associação entre a psicopatia e o comportamento antissocial, existe uma nova linha de investigação relacionada com um conjunto de fatores que influenciem os traços psicopáticos ao longo do curso de vida, e particularmente num período tão chave como é o início da idade adulta. Assim, esta investigação teve como objetivo analisar e compreender se os fatores protetores escolaridade, religião, desporto, lazer e mudança de cidade, estão relacionados com mudanças nos traços de psicopatia de cada uma das suas dimensões, isto é, interpessoal, emocional e comportamental, em jovens adultos da comunidade. Deste modo, esta investigação torna-se pertinente pois não existem estudos quer internacionais quer nacionais que relacionem estes dois conceitos. Por outro lado, ajuda a refletir sobre uma nova conceptualização acerca dos traços de psicopatia e de intervenção com estes sujeitos o que ajuda ao combate da reincidência criminal, tendo em conta que na maioria, é nas prisões, que os sujeitos com traços de psicopatia estão inseridos.

Os resultados desta investigação sugerem uma relação entre os fatores protetores, mudança de cidade, escolaridade e sexo feminino (comparativamente com o sexo masculino) e as dimensões emocional e comportamental dos traços psicopáticos. Contudo, não foram encontradas mudanças significativas ao longo de um ano, entre os cinco fatores protetores (escolaridade, lazer, desporto, religião e mudança de cidade) e as dimensões da psicopatia (interpessoal, emocional e comportamental). No entanto, os fatores desporto e escolaridade apresentam-se como marginalmente significativos para as dimensões interpessoal e emocional, respetivamente.

REFERÊNCIAS

- Allen, M. S., & Laboird, S. (2014). The role of personality in sport and physical activity. *Current Directions in Psychological Science*, 23(6), 460-465. DOI: 10.1177/0963721414550705
- American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5th ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Andershed, H., Colins, O. F., Salekin, R. T., Lordos, A., Kyranides, M. N. & Fanti, K. A. (2018). Callous-unemotional traits only versus the multidimensional psychopathy construct as predictors of various antisocial outcomes during early adolescence. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment* 40, 16–25.
- Assink, M., van der Put, C. E., Hoeve, M., Vries, S., Stams, G. & Oort, F. (2015). Risk factors for persistent delinquent behavior among juveniles: A meta-analytic review. *Clinical Psychology Review*, 42, pp. 47-61. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2015.08.002>
- Basto-Pereira, M., Queiroz-Garcia, I., Maciel, L., Leal, I., & Gouveia-Pereira, M. (2019). An international study of pro/antisocial behavior in young adults. *Cross-Cultural Research*. doi: 10.1177/1069397119850741
- Basto-Pereira, M., & Farrington, D. (2019). Advancing knowledge about lifelong crime sequences. *The British Journal of Criminology*, 59(2), 354-377. doi: 10.1093/bjc/azy033
- Basto-Pereira, M., & Farrington, D. (2020). Lifelong conviction pathways and self-reported offending: Towards a deeper comprehension of criminal career development. *The British Journal of Criminology*, 60(2), 285-302. doi: 10.1093/bjc/azz037

- Barry, C.T., Frick, P.J., & Killian, A.L. (2003). The relation of narcissism and self-esteem to conduct problems in children: A preliminary investigation. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 32(1), 139-152. DOI: 10.1207/S15374424JCCP3201_13
- Berg, J. M., Smith, S. F., Watts, A. L., Ammirati, R., Green, S. E., & Lilienfeld, S. O. (2013). Misconceptions regarding psychopathic personality: implications for clinical practice and research. *Neuropsychiatry* 3(1), 63–74.
- Blair, R. J. (2003). Neurobiological basis of psychopathy. *British Journal of Psychiatry*, 182, 5-7.
- Blair, R. J. (2013). The neurobiology of psychopathic traits in youths. *Nature Review Neuroscience*, 14(11), 786–799. doi:10.1038/nrn3577
- Brazão, N., Motta, C., Rijo, D., & Pinto-Gouveia, J. (2015). The prevalence of personality disorders in Portuguese male prison inmates: implications for penitentiary treatment. *Análise Psicológica*, 33(3), 279-290. doi: 10.14417/ap.975
- Baroncelli, A., & Ciucci, E. (2019). Bidirectional effects between callous-unemotional traits and student-teacher relationship quality among middle school students. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 48, 277–288. <https://doi.org/10.1007/s10802-019-00595-6>
- Barry, T. D., Barry, C. T., Deming, A. M., & Lochman, J. E. (2008). Stability of psychopathic characteristics in childhood: the influence of social relationships. *Criminal Justice and Behavior* 35, 244- 262. DOI: 10.1177/0093854807310508
- Bersani, B. E., & Chapple, C. L. (2007). School failure as an adolescent turning point. *Sociological focus*, 40(4), 370-391.
- Caldwell, M. F. (2011). Treatment-related changes in behavioral outcomes of psychopathy facets in adolescent offenders. *Law and Human Behaviour*, 35, 275–287.

- Caldwell, M. F., McCormick, D., Wolfe, J., Umstead, D. (2012). Treatment-related changes in psychopathy features and behavior in adolescent offenders. *Criminal Justice and Behavior*, 39(2), 144-155. DOI: 10.1177/0093854811429542
- Cale, E. M., & Lilienfeld, S. O. (2002). Sex differences in psychopathy and antisocial personality disorder a review and integration. *Clinical Psychology Review* 22, 1179 – 1207.
- Carlsson, C. (2012). Using ‘turning points’ to understand processes of change in offending. *British Journal of Criminology* 52, 1–16. doi:10.1093/bjc/azr062
- Caspi, A., Roberts, B. W., & Shiner, R. L. (2005). Personality development: stability and change. *Annual Review of Psychology* 56, 453–84. doi: 10.1146/annurev.psych.55.090902.141913
- Caspi, A., & Shiner, R. L. (2007). Personality development. In W. Damon, R. M. Lerner, & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook of Child Psychology, Social, Emotional and Personality Development*, (pp. 300-365). New Jersey: John Wiley & Sons. DOI: 10.1002/9780470147658.chpsy0306.
- Cauffman, E., Skeem, J., Dimitrieve, J., & Cavanagh, C. (2016). Comparing the stability of psychopathy scores in adolescents versus adults: How often is “fledgling psychopathy” misdiagnosed? *Psychology, Public Policy, and Law* 22(1), 77–91. <http://dx.doi.org/10.1037/law0000078>
- Ciucci, E., Baroncelli, A., Golmaryami, F. N., & Frick, P. J. (2014). The emotional correlates to callous–unemotional traits in children. *Journal of Child and Family Studies*, 24(8), 2374–2387. <https://doi.org/10.1007/s10826-014-0040-3>
- Coid, J., & Ullrich, S. (2010). Antisocial personality disorder is on a continuum with psychopathy. *Comprehensive Psychiatry* 51, 426–433.

- Cleckley, H. (1941). *The mask of sanity*. St. Louis, MO: Mosby.
- Craparo, G., Schimmenti, A., & Caretti, V. (2013). Traumatic experiences in childhood and psychopathy: a study on a sample of violent offenders from Italy. *European Journal of Psychotraumatology* 4. doi: 10.3402/ejpt.v4i0.21471
- Dadds, M. R., Fraser, J., Frost, A., & Hawes, D. J. (2005). Disentangling the underlying dimensions of psychopathy and conduct problems in childhood: A community study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73(3), 400-410. doi: 10.1037/0022-006X.73.3.400.
- Davoglio, T. R., Gauer, G. J., Jaeger, J. V., & Tolotti, M. D. (2012). Personalidade e psicopatia: implicações diagnósticas na infância e adolescência. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 453-460.
- DeLisi, M. (2009). Psychopathy is the unified theory of crime. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 7(3), 256-273.
- DeLisi, M., Peters, D. J., Dansby, T., Vaughn, M. G., Shook, J. J., & Hochstetler, A. (2014). Dynamics of psychopathy and moral disengagement in the etiology of crime. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 12(4), 295-314. DOI: 10.1177/1541204013506919
- DeLisi, M. (2016). Psychopathy and the Criminal Justice System. In M. DeLisi (Ed.), *Psychopathy as Unified Theory of Crime*, (pp.197-223). New York: Palgrave Macmillan. DOI 10.1057/978-1-137-46907-6_7
- DeMatteo, D., Heilbrun, K., & Marczyk, G. (2005). Psychopathy, risk of violence, and protective factors in a noninstitutionalized and noncriminal sample. *International Journal of Forensic Mental Health* 4(2), 147-157.

- Denault, A., & Poulin, F. (2018). A detailed examination of the longitudinal associations between individual and team sports and alcohol use. *Addictive behaviors, 78*, 15-21. doi: <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2017.10.019>
- Devers, L. (2011). Desistance and developmental life course theories: research summary. *Bureau of Justice Assistance U. S. Department of Justice*, 1-16.
- Dick, S. J., Forsyth, C. J., Chen, J., Forsyth, Y. A., Biggar, R. W., & Burstein, K. (2018). School and peers: Examining the influence of protective factors on delinquency and age of onset. *Deviant Behavior*. <https://doi.org/10.1080/01639625.2018.1438837>
- Dotterer, H. L., Waller, R., Cope, L. M., Hicks, B. M., Nigg, J. T., Zucker, R. A., & Hyde, L. W. (2017). Concurrent and developmental correlates of psychopathic traits using a triarchic psychopathy model approach. *Journal of Abnormal Psychology, 126*(7), 859–876.
- Edens, J. F., Campbell, J. S., & Weir, J. M. (2006). Youth psychopathy and criminal recidivism: a meta-analysis of the psychopathy checklist measures. *Law Human Behavior 31*, 53–75. DOI 10.1007/s10979-006-9019-y.
- Farrington, D. P. (2003). Developmental and life-course criminology: Key theoretical and empirical issues. *Criminology, 41*(2). 221- 256.
- Farrington, D. P. (2005). The importance of child and adolescent psychopathy. *Journal of Abnormal Child Psychology, 33*(4), pp. 489–497. DOI: 10.1007/s10802-005-5729-8
- Farrington, D. P. (2009). Building developmental and life-course theories of offending. In F. T. Cullen, J. P. Wright, & K. R. Blevins (Eds.), *Taking Stock: the status of criminological theory* (pp. 335-362). New Jersey: Transaction Publishers.

- Farrington, D. P. (2017). The integrated cognitive antisocial potential (ICAP) theory. In D. P. Farrington, (Ed.), *Integrated developmental & life-course theories of offending: Advances in criminological theory* (pp. 73- 92). London and New York: Routledge.
- Farrington, D. P. (2019). The integrated cognitive antisocial potential (ICAP) theory: Past, Present, and Future. *Journal of Developmental and Life-Course Criminology*. <https://doi.org/10.1007/s40865-019-00112-9>
- Farrington, D. P., & McGee, T. R. (2017). The integrated cognitive antisocial potential (ICAP) theory: Empirical testing. In A. Blokland, & V. van der Geest (Eds.), *The Routledge International Handbook of Life-Course Criminology* (pp. 11-28). London: Routledge.
- Farrington, D. P., & Bergstrom, H. (2018). Family background and psychopathy. In C. J. Patrick, (Ed.), *Handbook of Psychopathy* (pp. 354- 379). Nova York/Londres: The Guilford Press.
- Farrington, D. P., & McGee, T. R. (2019). The integrated cognitive antisocial potential (ICAP) theory: New empirical tests. In D. P. Farrington, L. Kazemian, & A. Piquero (Eds.), *The Oxford handbook of developmental and life-course criminology* (pp.173-192). New York: Oxford University Press.
- Fisher, J. H., Brown, J. L. (2018). A prospective, longitudinal examination of the influence of childhood home and school contexts on psychopathic characteristics in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence* 47(10), 2041-2059. doi: 10.1007/s10964-018-0861-2
- Fosco, G. M. & LoBraico, E. J. (2019). A family systems framework for adolescent antisocial behavior: the state of the science and suggestions for the future. In B. H. Fiese, M. Celano, K. Deater-Deckard, E. N. Jouriles, & M. A. Whisman (Eds.), *APA Handbook of Contemporary Family Psychology: Applications and broad impact of family*

psychology (pp.53-68). American Psychological Association.
<http://dx.doi.org/10.1037/0000100-004>

Fox, B. H., Jennings, W. G., & Farrington, D. P. (2015). Bringing psychopathy into developmental and Life-Course criminology theories and research. *Journal of Criminal Justice*, 43(4), 274-289. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2015.06.003>

Frick, P.J., Kimonis, E.R., Dandreaux, D.M., & Farrell, J.M., (2003). The 4 year stability of psychopathic traits in non-referred youth. *Behavioral Sciences and the Law*, 21, 713–736. DOI: 10.1002/bsl.568

Frick, P.J., Stickle, T.R., Dandreaux, D.M., Farrell, J.M., & Kimonis, E.R. (2005). Callous-unemotional traits in predicting the severity and stability of conduct problems and delinquency. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 33(4), 471- 487. doi: 10.1007/s10648-005-5728-9

Funder, D. C. (2013). *The personality puzzle*. New York: W. W. Norton & Co.

Glenn, A. L., Koleva, S., Iyer, R., Graham., & Ditto, P. H. (2010). Moral identity in psychopathy. *Judgment and Decision Making*, 5(7), 497–505.

Gonçalves, R. A. & Cunha, O. (2017). Escala de psicopatia de Hare – versão revista (PCL-R). In M. R. Simões, L. S. Almeida, & M. M. Gonçalves (Eds.), *Psicologia Forense: Instrumentos de Avaliação* (pp. 25-41). Lisboa: Pactor - Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.

Greenberg, M. T., & Lippold, M. A. (2013). Promoting healthy outcomes among youth with multiple risks: Innovative approaches. *Annual Review of Public Health*, 34, 253–270. <https://doi.org/10.1146/annurev-publhealth-031811-124619>.

- Guay, J.P., Ruscio, J., Knight, R. A., & Hare, R. D. (2007). A taxometric analysis of the latent structure of psychopathy: evidence for dimensionality. *Journal of Abnormal Psychology, 116*(4), 701–716. doi: 10.1037/0021-843X.116.4.701.
- Hardy, S. A., Walker, L. J., Rackham, D. D., & Olsen, J. A. (2012). Religiosity and adolescent empathy and aggression: The mediating role of moral identity. *Psychology of Religion and Spirituality 4*(3), 237–248. DOI: 10.1037/a0027566
- Hare, R. D. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised*. Toronto, Canada: Multi-Health Systems, Inc.
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2008). Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annual Review of Clinical Psychology, 4*, 217–46. doi: 10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091452.
- Hawes, S. W., Byrd, A. L., Gonzalez, R., Cavanaugh, C., Bechtold, J., Lynam, D. R., & Pardini, D. A. (2018). The developmental course of psychopathic features: investigating stability, change, and long-term outcomes. *Journal of Research in Personality, 77*. 83-89. doi: 10.1016/j.jrp.2018.09.009
- Hicks, B. M., Vaidyanathan, U., & Patrick, C. J. (2010). Validating female psychopathy subtypes: differences in personality, antisocial and violent behavior, substance abuse, trauma, and mental health. *Personality Disorder 1*(1), 38–57. doi:10.1037/a0018135.
- Hicks, B. M., Carlson, M. D., Blonigen, D. M., Patrick, C. J., Lacono, W. G., & MGue, M. (2012). Psychopathic personality traits and environmental contexts: differential correlates, gender differences, and genetic mediation. *Personal Disord. 3*(3), 209–227. doi:10.1037/a0025084.

- Hinnant, J., & Forman-Alberti, A. (2019). Deviant peer behavior and adolescent delinquency: Protective effects of inhibitory control, planning, or decision making?. *Journal of research on adolescence, 29*(3), 682-695. doi: 10.1111/jora.12405
- Holmes, S. E., Slaughter, J. R. & Kashani, J. (2001). Risk factors in childhood that lead to the development of conduct disorder and antisocial personality disorder. *Child Psychiatry and Human Development, 31*(3), 183-193.
- Kazemian, L. (2007). Desistance from crime: Theoretical, empirical, methodological, and policy considerations. *Journal of Contemporary Criminal Justice, 23*(1), 5-27. doi: 10.1177/1043986206298940
- Kirk, D. S. (2012). Residential change as a turning point in the life course of crime: desistance or temporary cessation? *Criminology, 50*(2), 329-358. DOI: 10.1111/j.1745-9125.2011.00262.x
- Klein, J., Cornell, D., & Konold, T. (2012). Relationships between bullying school climate and student risk behaviors. *School Psychology Quarterly, 27*(3), 154-169.
doi: 10.1037/a0029350.
- Kreis, M. K., & Cooke, D. J. (2011). Capturing the psychopathic female: a prototypicality analysis of the comprehensive assessment of psychopathic personality (CAPP) across gender. *Behavioral Sciences and the Law, 29*, 634–648. DOI: 10.1002/bsl.1003
- Kreis, M. K., & Cooke, D. J. (2012). The manifestation of psychopathic traits in women: An exploration using case examples. *International Journal of Forensic Mental Health, 11*, 267–279. DOI: 10.1080/14999013.2012.746755
- Lee, Z., Salekin, R. T., & Iselin, AM. R. (2010). Psychopathic traits in youth: is there evidence for primary and secondary subtypes? *Journal of Abnormal Child Psychology, 38*, 381–393. doi:10.1007/s10802-009-9372-7

- Lee, Y., & Kim, J. (2020). Psychopathic traits among serious juvenile offenders: developmental pathways, multidimensionality, and stability. *Crime & Delinquency*, 67(1).
- Loeber, R., Farrington, D. P., Stouthamer-Loeber, M., Moffitt, T. E., Caspi, A., & Lynam, D. (2001). Male mental health problems, psychopathy, and personality traits: Key findings from the first 14 years of the Pittsburgh Youth Study. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 4(4), 273- 297.
- Logan, C. (2009). Psychopathy in women: Conceptual issues, clinical presentation and management. *Neuropsychiatrie*, 23, 1-9.
- Loney, B. R., Taylor, J., Butler, M. A., & Lacono, W. G. (2007). Adolescent psychopathy features: 6-year temporal stability and the prediction of externalizing symptoms during the transition to adulthood. *Aggressive Behavior* 33, 242–252. DOI: 10.1002/ab.20184
- Lynam, D. R., Caspi, A., Moffitt, T. E., Loeber, R., & Stouthamer-Loeber, M. (2007). Longitudinal evidence that psychopathy scores in early adolescence predict adult psychopathy. *Journal of Abnormal Psychology* 116(1), 155–165. DOI: 10.1037/0021-843X.116.1.155
- Lynam, D. R., Loeber, R., & Stouthamer-Loeber, M. (2008). The stability of psychopathy from adolescence into adulthood: The search for moderators. *Criminal Justice and Behavior* 35(2), 228-243. doi: 10.1177/0093854807310153
- McCuish, E. C., & Lussier, P. (2018). A developmental perspective on the stability and change of psychopathic personality traits across the adolescence–adulthood transition. *Criminal Justice and Behavior*, 45(5), 666–692. doi: 10.1177/0093854818761992

- McCuish, E. C., & Lussier, P. (2020). Describing Changes in Features of Psychopathy Via an Individual-Level Measure of P(Δ). *Journal of Quantitative Criminology*, 1-23. <https://doi.org/10.1007/s10940-020-09472-8>
- McDonald, R., Dodson, M. C., Rosenfield, D., & Jouriles, E. N. (2011). Effects of a parenting intervention on features of psychopathy in children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39, 1013–1023. DOI 10.1007/s10802-011-9512-8
- McGee, T. R., & Farrington, D. P. (2018). Developmental and Life-Course explanations of offending. *Psychology, Crime & Law*, 25(6), 609-625. DOI: 10.1080/1068316X.2018.1560446
- Miller, J. D., & Lynam, D. R. (2015). Understanding psychopathy using the basic elements of personality. *Social and Personality Psychology Compass* 9(5), 223–237. Doi: 10.1111/spc3.12170
- Moffitt, T. E. (1993). Adolescence-limited and life-course persistent antisocial behavior: A developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100, 674–701. <http://dx.doi.org/10.1037/0033-295X.100.4.674>
- Mullins-Nelson, J. L., Salekin, R. T., & Leistico, AM. R. (2006). Psychopathy, empathy, and perspective -taking ability in a community sample: Implications for the successful psychopathy concept. *International Journal of Forensic Mental Health*, 5(2), 133-149.
- Muñoz, L. C., Kerr, M., & Besic, N. (2008). The peer relationships of youths with psychopathic personality traits: a Matter of perspective. *Criminal Justice and Behavior* 35, 212-227. doi: 10.1177/0093854807310159
- Murray, L., Waller, R. & Hyde, L. W. (2018). A systematic review examining the link between psychopathic personality traits, antisocial behavior, and neural reactivity during reward

- and loss processing. *American Psychological Association*, 9(6), 497–509.
<http://dx.doi.org/10.1037/per0000308.supp>
- Newman, J. P., MacCoon, D. G., Vaughn, L. J., & Sadeh, N. (2005). Validating a distinction between primary and secondary psychopathy with measures of gray's bis and bas constructs. *Journal of Abnormal Psychology*, 114(2), 319 –323. doi: 10.1037/0021-843X.114.2.319
- Nicholls, T. L., Goossens, I., Odgers, C., & Cooke, D. J. (2020). Women and girls with psychopathic characteristics. In A. Felthous, & H. Sab, (Eds), *The Wiley International Handbook on Psychopathic Disorders and the Law*, 2nd Edition (pp. 465-505). Nova Jersey: John Wiley & Sons
- Olver, M. E., & Riemer, E. K. (2021). High-psychopathy men with a history of sexual offending have protective factors too: But are this risk relevant and can they change in treatment? *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/ccp0000638>
- Pardini, D. A., & Loeber, R. (2007). Interpersonal and affective features of psychopathy in children and adolescents: Advancing a developmental perspective introduction to special section. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 36(3), 269–275.
- Pardini, D. A., & Loeber, R. (2008). Interpersonal callousness trajectories across adolescence: Early social influences and adult outcomes. *Criminal Justice and Behavior*, 35(2), 173-196. DOI: 10.1177/0093854807310157
- Paternoster, R., McGloin, J. M., Nguyen, H., & Thomas, K. J. (2012). The causal impact of exposure to deviant peers: An experimental investigation. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 50, 476-503. DOI: 10.1177/0022427812444274

- Payne, A. A., & Welch, K. (2013). The impact of schools and education on antisocial behavior over the life-course. In Gibson, C., & Krohn, M (Eds), *Handbook of Life-Course: Criminology Emerging Trends and Directions for Future Research* (93-109). Nova York: Springer.
- Pechorro, P., Andershed, H., Ray, J. V., Maroco, J., & Goncalves, R. A. (2015). Validation of the youth psychopathic traits inventory and youth psychopathic traits inventory–short version among incarcerated juvenile delinquents. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, *37*(4), 576-586. <https://doi.org/10.1007/s10862-015-9490-1>
- Pechorro, P., Gonçalves, R. A., Andershed, H., & DeLisi, M. (2017). Female psychopathic traits in forensic and school context: comparing the antisocial process screening device self-report and the youth psychopathic traits inventory short. *Journal of Psychopathology Behaviour Assessment*, *39*, 642–656. DOI 10.1007/s10862-017-9605-y
- Poythress, N. G., Skeem, J. L., & Lilienfeld, S. O. (2006). Associations among early abuse, dissociation, and psychopathy in an offender sample. *Journal of Abnormal Psychology* *115*(2), 288 –297. doi: 10.1037/0021-843X.115.2.288
- Raine, A., Lencz, T., Bihrlé, S., LaCasse., & Colletti, P. (2000). Reduced prefrontal gray matter volume and reduced autonomic activity in antisocial personality disorder. *Archives of General Psychiatry* *57*, 119–127.
- Roberts, B. W., & Mroczek, D. (2008). Personality trait change in adulthood. *Current Directions in Psychological Science* *17*(1), 31-35. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2008.00543.x>
- Rowe, M., & Soppitt, S. (2014). ‘Who you gonna call?’ The role of trust and relationships in desistance from crime. *Probation Journal* *61*(4), 397–412.

- Salekin, R. T., & Lochman, J. E. (2008). Child and adolescent psychopathy: the search for protective factors. *Criminal Justice and Behavior*, 35(2), 159-172. doi: 10.1177/0093854807311330
- Salekin, R. T., Lee, Z., Schrum Dillard, C. L., & Kubak, F. A. (2010). Child psychopathy and protective factors: IQ and motivation to change. *Psychology, Public Policy, and Law* 16(2), 158 –176. DOI: 10.1037/a0019233
- Salihovic, S., Özdemir, M., & Kerr, M. (2014). Trajectories of adolescent psychopathic traits. *Journal of Psychopathology Behavioral Assessment* 36(1), 47–59. DOI 10.1007/s10862-013-9375-0
- Sampson, R. J. (2015). Crime and the life course in a changing world: Insights from Chicago and implications for global criminology. *Asian Journal of Criminology* 10, 277–286. DOI 10.1007/s11417-015-9220-3
- Sampson, R. J., & Laub, J. H. (1993). *Crime in the Making: Pathways and Turning Points through Life*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Sampson, R. J., & Laub, J. H. (2001). *Understanding desistance from crime*. The University of Chicago Press.
- Sampson, R. J., & Laub, J. H. (2003). Life-course desisters? Trajectories of crime among delinquent boys followed to age 70. *Criminology*, 41(3), 301-340.
- Sampson, R. J., & Laub, J. H. (2004). A general age-graded theory of crime: Lessons learned and the future of life-course criminology. In D. Farrington (Ed.), *Advances in Criminological Theory: Testing Integrated Developmental/Life Course Theories of Offending*. London and New York: Routledge.

- Sampson, R. J., & Laub, J. H. (2005). A life-course view of the development of crime. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 602(12). DOI: 10.1177/0002716205280075
- Sampson, R. J., & Laub, J. H. (2016). Turning points and the future of life course criminology: Reflections on the 1986 criminal careers report. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 53(3), 321-335. DOI: 10.1177/0022427815616992
- Sharkey, P. & Sampson, R. J. (2010). Destination effects: residential mobility and trajectories of adolescent violence in a stratified metropolis. *Criminology*, 48(3), 639-681.
- Shaw, J., & Porter, S. (2012). *Forever a psychopath? Psychopathy and the criminal career trajectory*. Psychopathy and Law: A Practitioner's Guide, First Edition.
- Siegel, L. J. (2010). Developmental theories: Life course and latent trait. In L. Siegel (Ed), *Criminology: Theories, Patterns and Typologies*, 10. Belmonte: Wadsworth Cengage Learning.
- Simons, R. L., Stewart, E., Gordon, L. C., Conger, R. D. & Elder, G. H. (2002). A test of life course explanations for stability and change in antisocial behavior from adolescence to young adulthood. *Criminology*, 40(2), 401-434. doi:10.1111/j.17459125.2002.tb00961.x.
- Simmons, C., Fine, A., Knowles, A., Frick, P. J., Steinberg, L., & Cauffman, E. (2018). The relation between callous-unemotional traits, psychosocial maturity, and delinquent behavior among justice-involved youth. *Child Development*, 00(0), Pages 1–14.
- Skeem, J. L., Polaschek, D. L., Patrick, C. J., & Lilienfeld, S. O. (2016). Psychopathic personality: Bridging the gap between scientific evidence and public policy. *Psychological Science* 12(3), 95–162. doi: 10.1177/1529100611426706

- van der Laan, A. M., Blom, M., & Kleemans, E. R. (2009). Exploring long-term and short-term risk factors for serious delinquency. *European Journal of Criminology*, 6(5), 419-438. DOI: 10.1177/1477370809337882
- Vaughn, M. G., Edens, J. F., Howard, M. O., & Smith, S. T. (2009). An investigation of primary and secondary psychopathy in a statewide sample of incarcerated youth. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 7(3), 172-188. doi: 10.1177/1541204009333792
- Vogel, V., & Lancel, M. (2016). Gender differences in the assessment and manifestation of psychopathy: Results from a multicenter study in forensic psychiatric patients. *International Journal of Forensic Mental Health*, 15. <https://doi.org/10.1080/14999013.2016.1138173>
- Ward, J. T. (2019). Developmental and Life-Course Theories of Crime and Deviance. In M. Krohn, N. Hendrix, P. Hall, & A. Lizotte (Eds.), *Handbook on Crime and Desviance*, (pp. 283 - 308). Winconsin, USA: Springer.
- Warren, J. I., Burnette, M. L., South, S. C., Chauhan, P., Bale, R., Friend, R., & Patten, I. V. (2003). Psychopathy in women: structural modeling and comorbidity. *International Journal of Law and Psychiatry*, 26, 223-242.
- Werner, K. B., Few, L. R., & Bucholz, K. K. (2015). Epidemiology, comorbidity, and behavioral genetics of antisocial personality disorder and psychopathy. *Psychiatric Annals* 45(4), 195–199. doi:10.3928/00485713-20150401-08
- Widdowson, A. O., & Siennick, S. E. (2020). The effects of residential mobility on criminal persistence and desistance during the transition to adulthood. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 1-41. <https://doi.org/10.1177/0022427820948578>

- Wynn, R., Hoiseth, M. H., & Pettersen, G. (2012). Psychopathy in women: theoretical and clinical perspectives. *International Journal of Women's Health*, 4, 257-263. doi: 10.2147/IJWH.S25518
- Yildirim, B. O., & Derksen, J. J. L. (2015). Clarifying the heterogeneity in psychopathic samples: towards a new continuum of primary and secondary psychopathy. *Aggression and Violent Behavior*, 24, 9-41. <http://dx.doi.org/10.1016/j.avb.2015.05.001>.
- Zuckerman, M. (2010). Sensation Seeking. *The Corsini Encyclopedia of Psychology*. doi:10.1002/9780470479216.corpsy0843

ANEXOS

Anexo I: Consentimento Informado



CONSENTIMENTO INFORMADO

O projeto de investigação científica “*Estudo Internacional sobre comportamentos pro(anti)sociais no início da idade adulta*” (SOCIALDEVIANCE1820), é conduzido por uma equipa de investigadores do Instituto de Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) – Instituto Universitário, englobando só em 2017/2018, cinco dissertações de mestrado.

Pretende-se estudar os fatores de risco e de proteção para o comportamento pró/anti-social, bem como para a integração social em jovens adultos da comunidade. Um dos fatores de risco estudados é o impacto das histórias de adversidade na infância e adolescência no início da idade adulta, nesse sentido, a participação de jovens adultos (entre os 18 e os 20 anos), com e sem experiências de adversidade, é essencial para o sucesso deste projeto.

A sua participação não lhe trará risco ou despesa e pode a qualquer momento recusar a continuidade da sua participação no estudo. A aplicação do questionário é realizada a várias pessoas e o consentimento informado é, desde início, separado das suas respostas, tornando impossível associar as suas respostas à sua identificação, **garantindo-lhe por isso, o máximo de confidencialidade.** Os resultados deste projeto poderão ajudar a moldar políticas públicas mais eficazes. **A sua participação é voluntária e os dados fornecidos são absolutamente confidenciais e usados somente para fins científicos. Nesse sentido, por favor seja sincero.**

Caso aceite participar, pedimos de seguida o seu consentimento informado. Os investigadores disponibilizam-se para esclarecer quaisquer dúvidas, informações adicionais poderão ser obtidas através do e-mail: projetoispaprosocial@gmail.com. Muito Obrigado!

Eu, _____ (nome completo), li e compreendi este documento e aceito participar no projeto científico: “*Estudo Internacional sobre comportamentos pro(anti)sociais no início da idade adulta*” (SOCIALDEVIANCE1820), dando o meu consentimento informado e tendo a garantia que todos os meus dados permanecerão confidenciais.

O/A participante

(Assinatura)

Anexo II: Questionário Geral sobre a Situação Social e Familiar

ANTES DE COMEÇAR: Para participar no 2º e 3º sorteio de vales (participando no 2º e 3º momento do estudo –preenchimento de um questionário online), por favor preencha o código, assim garantimos que se lembra deste código no 2º e 3º momento, sem que este dado revele a sua identificação, garantindo por isso a máxima confidencialidade. **Indicar 1ª letra do 1º nome, 1ª letra do 2º nome e o dia e o mês de nascimento.** Por exemplo, se o seu nome é João Silva Pinto e nasceu a 01/03/1986, o seu código será **J S 01 03**.

1ª letra do 1º nome	1ª letra do 2º nome	Dia de nascimento	Mês de nascimento
<input style="width: 30px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 30px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 30px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 30px; height: 20px;" type="text"/>

Questionário Geral sobre a Situação Social e Familiar

<p>1. Sexo Masculino <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/></p>	<p>2. Qual a sua idade? _____ 3. Qual o seu nível de escolaridade? ____ (número máximo de anos de escola concluídos com sucesso) 4. Quantas vezes reprovou na escola? ____ (se nunca colocar "0")</p>
<p>5. É autónomo/a financeiramente? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>6. Se não é financeiramente independente, por favor indique: Pai: 6.1. Escolaridade _____ 6.2. Profissão _____ Mãe: 6.3. Escolaridade _____ 6.4. Profissão _____</p>
<p>7. Grupo étnico Português/a de ascendência portuguesa <input type="checkbox"/> Português/a de ascendência africana <input type="checkbox"/> Comunidade cigana de Portugal <input type="checkbox"/></p>	<p>8. Cor da pele? Branca <input type="checkbox"/> Negra <input type="checkbox"/> Outra <input type="checkbox"/></p>
<p>9. O que faz? Trabalha <input type="checkbox"/> Estuda <input type="checkbox"/> Trabalha e estuda <input type="checkbox"/> Não trabalha nem estuda <input type="checkbox"/></p>	<p>10. Se trabalha, por favor indique, em que trabalha? (e.g. enfermeiro/a)? _____</p>
<p>11. Com quem vive? Parceiro/a <input type="checkbox"/> Pai/s <input type="checkbox"/> Sozinho/a <input type="checkbox"/> Amigos/as <input type="checkbox"/> Outros <input type="checkbox"/></p>	<p>13. Tem filhos/as? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> 14. Os seus filhos/as vivem consigo? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>
<p>12. Quantas pessoas vivem consigo na mesma casa? _____</p>	
<p>15. Tem alguma actividade de lazer (legal) que pratique de forma regular? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>16. Pratica desporto regularmente? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>
<p>17. Está ou já esteve nas forças armadas? (e.g., exército) Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>18. Tem alguma religião? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>
<p>19. É praticante dessa religião? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>20. Mudou de cidade no último ano? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>
<p>21. Quantos amigos tem? _____</p>	<p>22. Dos amigos que tem, quantos já estiveram (ou estão) presos? _____</p>
<p>23. Na infância e/ou adolescência foi educado apenas por uma pessoa (pai ou mãe)? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>24. Tem algum problema grave de saúde mental? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>
<p>25. Já alguma vez esteve preso/a? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>26. Já teve problemas com a polícia? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>
<p>27. Já alguma vez viveu numa casa de acolhimento? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>28. Já alguma vez viveu num centro educativo? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>
<p>29. Já consumiu drogas ilegais? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>30. Já se embriagou com bebidas alcoólicas? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>
<p>31. Por favor indique com que frequência consumiu drogas nos últimos 12 meses: Diário <input type="checkbox"/> Semanal <input type="checkbox"/> Mensal <input type="checkbox"/> Anual <input type="checkbox"/> Não aconteceu <input type="checkbox"/></p>	<p>32. Por favor indique com que frequência se embriagou nos últimos 12 meses: Diário <input type="checkbox"/> Semanal <input type="checkbox"/> Mensal <input type="checkbox"/> Anual <input type="checkbox"/> Não aconteceu <input type="checkbox"/></p>

Anexo III: Inventário De Traços Psicopáticos Em Adolescentes – Versão Reduzida (YPI-S)

YPI -S				
<p>Neste questionário vais encontrar afirmações sobre a forma como tu geralmente pensas e sentes as coisas. Lê atentamente cada afirmação e diz em que grau concorda ou discordas com ela. Das quatro alternativas diferentes de resposta para cada afirmação assinala apenas uma. Responde a cada afirmação de acordo com o que pensas e sentes mais frequentemente, e não apenas neste momento.</p>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">Discordo totalmente</div> <div style="text-align: center;">Discordo</div> <div style="text-align: center;">Concordo</div> <div style="text-align: center;">Concordo totalmente</div> </div>			
		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1. Tenho jeito para enganar as pessoas, usando o meu charme e o meu sorriso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Sou bom a fazer as pessoas acreditarem em mim quando invento alguma história.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Tenho capacidades que vão muito além das capacidades das outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. É fácil para mim manipular as pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Quando é preciso, uso o meu sorriso e o meu charme para tirar partido dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Estou destinado a ser uma pessoa importante e bem conhecida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Acho que chorar é sinal de fraqueza mesmo que ninguém nos veja.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Quando as outras pessoas têm problemas muitas vezes é por culpa delas, por isso não devíamos ajudá-las.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Estar nervoso e preocupado é um sinal de fraqueza.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não entendo como há pessoas que ficam tão emocionadas ao ponto de chorarem com o que vêem na televisão ou nos filmes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. É sinal de fraqueza sentir culpa e remorsos por coisas que fizemos e que magoaram os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Não deixo que os meus sentimentos me afetem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Provavelmente já faltei à escola ou ao trabalho mais vezes do que a maioria das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Considero-me uma pessoa bastante impulsiva.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Muitas vezes falo primeiro e só penso depois.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Aborreço-me muito depressa se estiver a fazer sempre as mesmas coisas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Muitas vezes faço coisas sem pensar nas consequências.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Já me aconteceu várias vezes pedir uma coisa emprestada e depois perdê-la.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>